

galeria

nara roesler

são paulo
rio de janeiro
new york
www.nararoesler.com.br
info@nararoesler.com.br

sp-arte

12 - 15 de abril, 2018

stand J1

pavilhão da bienal
parque ibirapuera, portão 3
avenida pedro álvares cabral, s/n
são paulo, brasil

preview
11 de abril

aberto ao público
12 - 14 de abril | 13 - 21h
15 de abril | 11 - 19h

abraham palatnik	julio le parc
alexandre arrechea	karin lambrecht
angelo venosa	laura vinci
antonio dias	león ferrari
artur lescher	lucia koch
berna reale	marcelo silveira
brígida baltar	marco maggi
bruno dunley	marcos chaves
cao guimarães	not vital
carlito carvalhosa	paulo bruscky
crisrina canale	raul mourão
daniel buren	rené francisco
daniel senise	sérgio sister
eduardo coimbra	tomie ohtake
eduardo navarro	vik muniz
fabio miguez	virgínia de medeiros
isaac julien	xavier veilhan
josé patrício	

A **Galeria Nara Roesler** uma das principais galerias de arte contemporânea do Brasil, representa artistas brasileiros e latino-americanos influentes da década de 1950, além de importantes artistas estabelecidos e em início de carreira que dialogam com as tendências inauguradas por essas figuras históricas. Fundada em 1989 por Nara Roesler, a galeria fomenta a inovação curatorial consistentemente, sempre mantendo os mais altos padrões de qualidade em suas produções artísticas. Para tanto, desenvolveu um programa de exposições seletivo e rigoroso, em estreita colaboração com seus artistas; implantou e manteve o programa Roesler Hotel, uma plataforma de projetos curatoriais; e apoiou seus artistas continuamente, para além do espaço da galeria, trabalhando em parceria com instituições e curadores em exposições externas. A galeria duplicou seu espaço expositivo em São Paulo em 2012 e inaugurou novos espaços no Rio, em 2014, e em Nova York, em 2015, dando continuidade à sua missão de proporcionar a melhor plataforma possível para que seus artistas possam expor seus trabalhos.

Abraham Palatnik

n. 1928, Natal, Brasil | Vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Figura seminal da arte cinética e óptica no Brasil, sua investigação envolvendo tecnologia, mobilidade e luz trouxe inovações para o desenvolvimento do estudo dos fenômenos visuais no país. Destacou-se no cenário artístico a partir da criação de seu primeiro *Aparelho Cinecromático* (1949), peça em que procurou reinventar a prática da pintura por meio de jogos de luz, criando imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), sua instalação de luz não participou da competição pelo prêmio principal por não se enquadrar em nenhuma das categorias artísticas existentes na época, mas recebeu menção honrosa do júri internacional por sua originalidade. Suas séries de progressões e relevos iniciadas posteriormente em materiais diversos, como madeira, cartão duplex ou acrílico, apresentam igualmente efeitos ópticos hipnóticos, obtidos através de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas pelo padrão rítmico, remetendo ao movimento de ondas irregulares. Atualmente em sua sétima década de produção, Palatnik continua a investigar as relações entre movimento, tempo e percepção humana. Participou de diversas exposições no Brasil e no exterior, incluindo oito edições da Bienal de São Paulo (1951-1969) e a 32ª La Biennale di Venezia (1964). Recentemente, realizou a importante retrospectiva Abraham Palatnik - A Reinvenção da Pintura, com itinerância por instituições como: Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB/RJ), 2017; Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, 2015; Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, 2014; Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), 2014; e Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB/DF), 2013.



Abraham Palatnik

Sem título, 2015

relevo progressivo cartão duplex e madeira

80 x 77,5 x 11,5 cm

exposições futuras:

Sesc São Paulo, Brazil

The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s - 1970s – group show

July 25, 2018 - September 30, 2018

exposições atuais:

Garage Museum of Contemporary Art, Moscow, Russia

The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s - 1970s – group show

March 17, 2018 - May 09, 2018

exposições recentes (recentes):

Museum of Modern Art in Warsaw, Poland

The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s - 1970s – group show

November 17, 2017 - February 11, 2018

The Metropolitan Museum of Art (The Met Breuer), New York, USA

Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950 - 1980 – group show

September 13, 2017 - January 14, 2018

Palm Springs Art Museum (PSAM), USA

Kinesthesia: Latin American Kinetic Art 1954-1969 – group show

August 26, 2017 - January 15, 2018

Alexandre Arrechea

n. 1970, Trinidad, Cuba. Vive e trabalha em Nova York.

Estudou na Escuela Nacional de Arte - ENA entre 1985 e 1989 e no Instituto Superior de Arte - ISA entre 1989 e 1994, ambas importantes instituições de ensino de arte localizadas em Havana, Cuba. Artista multimídia, a produção de Arrechea é composta por desenhos em aquarela, esculturas, instalações e vídeos, geralmente em grandes dimensões, que debatem questões como história, memória, política e as relações de poder presentes no espaço urbano, dialogando diretamente com a arquitetura. Destacou-se no cenário artístico internacional como um dos membros fundadores do coletivo cubano Los Carpinteros, do qual fez parte de 1991 a 2003. Seguindo carreira solo desde 2003, Arrechea é amplamente reconhecido por *NOLIMITS* (2013), projeto monumental composto por dez esculturas inspiradas em edifícios bastante representativos da cidade de Nova York e que foram apresentadas ao longo da Park Avenue. O artista também recebeu o Prêmio Artista do Ano da Farber Foundation Cuban Art Awards durante a 12ª Bienal de Havana (2015) e teve seu projeto *Katrina Chairs* (2016) comissionado pelo Coachella Music Festival, em Palm Springs, EUA. Vem realizando exposições em diversas instituições de renome, como: Los Angeles County Museum of Art (LACMA), EUA; Museo Nacional de Bellas Artes de la Habana, Cuba; MoMA PS1 - Contemporary Art Center, Nova York, EUA; e New Museum, Nova York, EUA.

exposições futuras:

Gwangju, República da Coreia
12ª Bienal de Gwangju – coletiva
07 set - 11 nov 2018

exposições recentes (seleção):

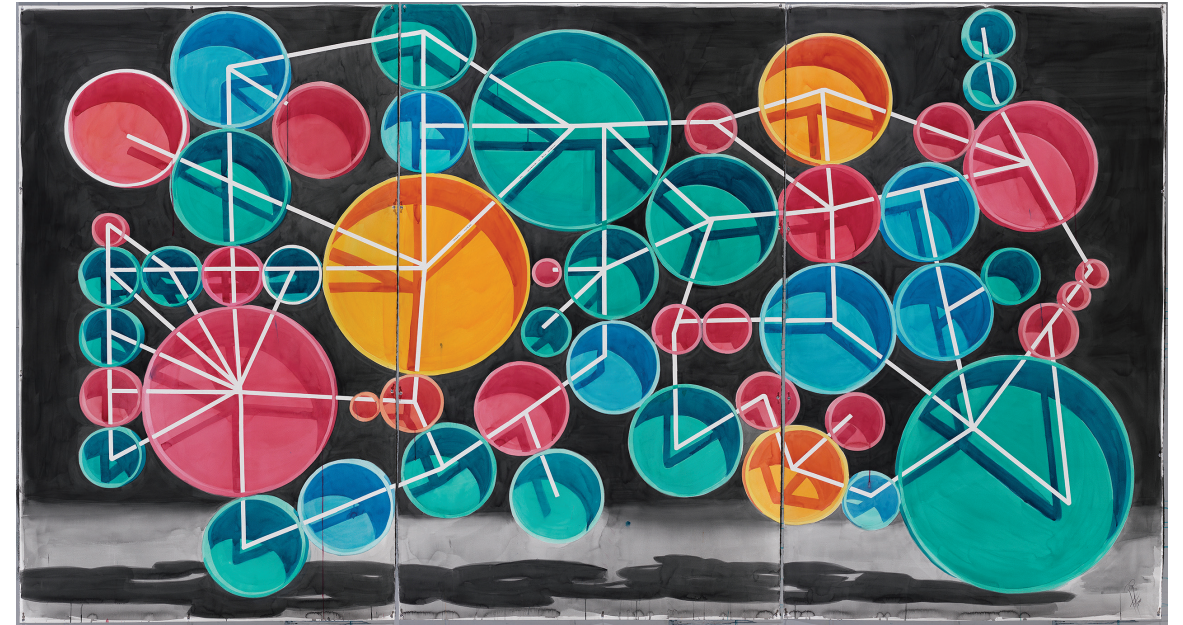
Walker Art Center, Minneapolis, EUA
Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950 – coletiva
11 nov 2017 - 18 mar 2018

Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA
Condemned to be Modern, II PST: LA/LA – coletiva
10 set 2017 - 27 jan 2018

Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950 – coletiva
05 mar - 21 mai 2017

Palacio Molina, Cartagena, Espanha
La seducción del fragmento, Festival La Mar de Músicas – coletiva
13 jul - 31 ago 2017

The Bronx Museum of the Arts (BxMA), Nova York, EUA
Wild Noise / Ruido Salvaje – coletiva
17 fev - 03 jul 2017



Alexandre Arrechea
Forgotten words, 2017
aquarela sobre papel
3 partes 213 x 130 cm (cada) / total 213 x 390 cm

Angelo Venosa

(n. 1954, São Paulo, Brasil; Vive e trabalha no Rio de Janeiro).

É um dos poucos artistas da chamada “Geração 80” que se dedicou à escultura, em detrimento da pintura então em evidência. A partir da década de 1990, passou a utilizar materiais como mármore, cera, chumbo e dentes de animais, realizando obras que remetem a estruturas anatômicas, como vértebras e ossos. Mais recentemente, o artista começou a utilizar impressão em 3D e desenho assistido por computador para criar estruturas e exoesqueletos de compensado e metal que se assemelham a corais. Participou de exposições como a 19ª Bienal de São Paulo (1987), a 45ª La Biennale di Venezia (1993) e a 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2005). Uma grande retrospectiva em comemoração pelos seus 30 anos de carreira foi realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) em 2012, passando pela Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2013 e pelo Palácio das Artes, Belo Horizonte, e pelo Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, em 2014. Atualmente, possui esculturas públicas instaladas em diversos locais do país, como Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Jardins), Museu de Arte Moderna de São Paulo (Jardim do Ibirapuera), Pinacoteca de São Paulo (Jardim da Luz) e Praia de Copacabana/Leme, Rio de Janeiro.

exposições atuais:

Centro Cultural Oscar Niemeyer (CCON), Brasília/DF, Brasil

Projeto Arte e Indústria - A Intenção e o Gesto, 6º Prêmio CNI SESI SENAI Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas – coletiva

14 mar - 29 abr 2018

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Brasil

Oito Décadas de Abstração Informal - Coleções Museu de Arte Moderna de São Paulo e Instituto Casa Roberto Marinho – coletiva

17 jan - 22 abr 2018

exposições recentes (seleção):

Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil

Bestiário – coletiva

16 set - 26 nov 2017

Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB), Viamão, Brasil

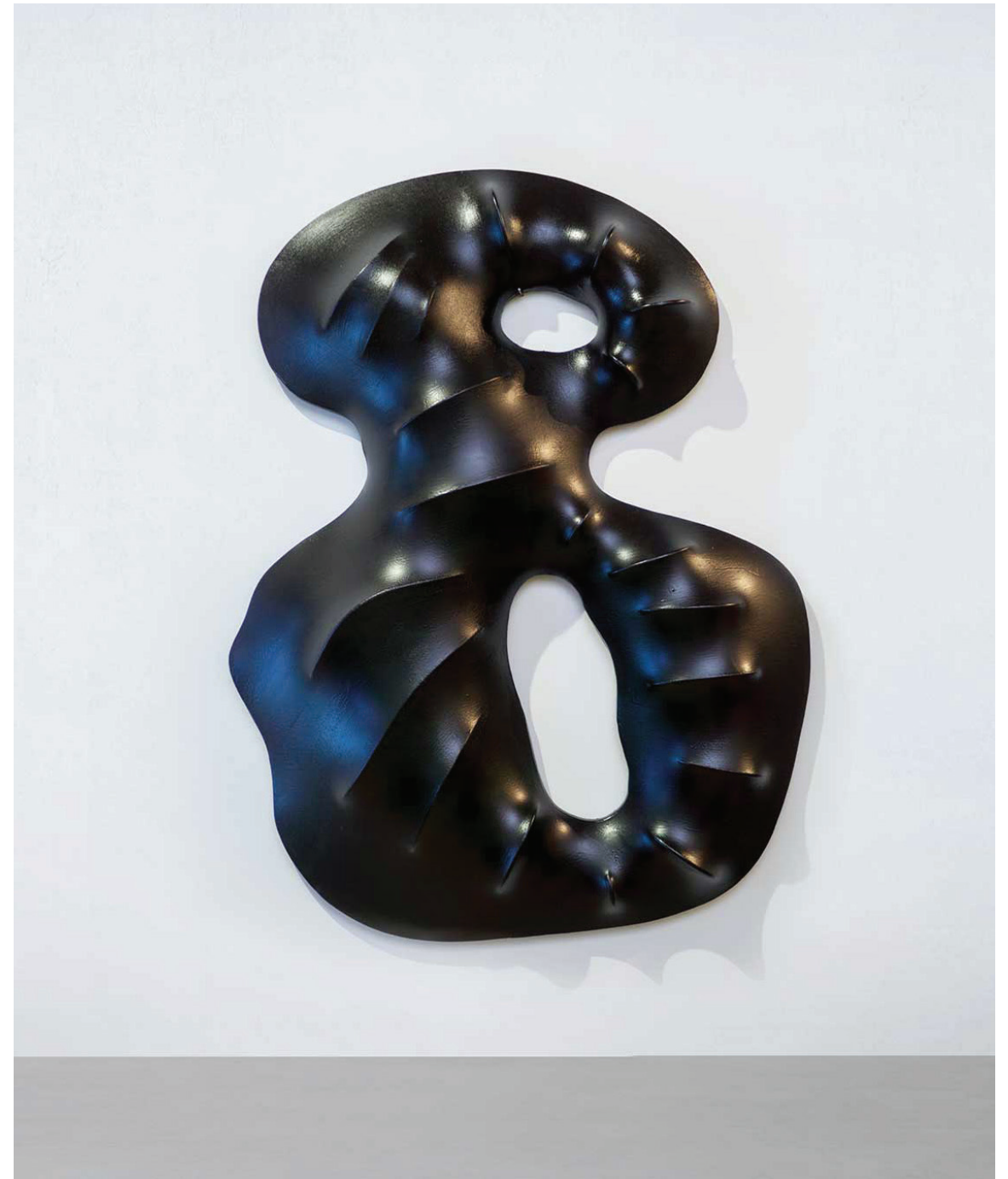
Aã – coletiva

09 set - 16 dez 2017

Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba, Brasil

A vastidão dos mapas - Arte contemporânea em diálogo com mapas da Coleção Santander Brasil – coletiva

31 mai - 6 ago 2017



Angelo Venosa

V1, 2018

madeira, tecido e emborrachamento

218 x 147 x 17 cm

Antonio Dias

n. 1944, vive e trabalha entre o Rio de Janeiro e Milão.

Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo vinhetas políticas sarcásticas na forma de *soft sculptures*, pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros. Em 1957, após mudar-se com a família para o Rio de Janeiro, trabalhou como projetista e designer gráfico, fazendo arte como autodidata em seu tempo livre. Embora fosse categorizado como representante da nova figuração brasileira, sua prática dialoga com o legado do movimento concretista e com o ímpeto revolucionário da Tropicália. Suas primeiras obras esculturais apresentavam um vocabulário geométrico abstrato, mas seus estudos o aproximaram do papel e da tela. Em Milão, adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, e utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Abordando o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, repleta de elegância formal, entremeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite, misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período possuem um brilho metálico e contêm uma grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos – que remetem às suas primeiras produções.

exposições futuras:

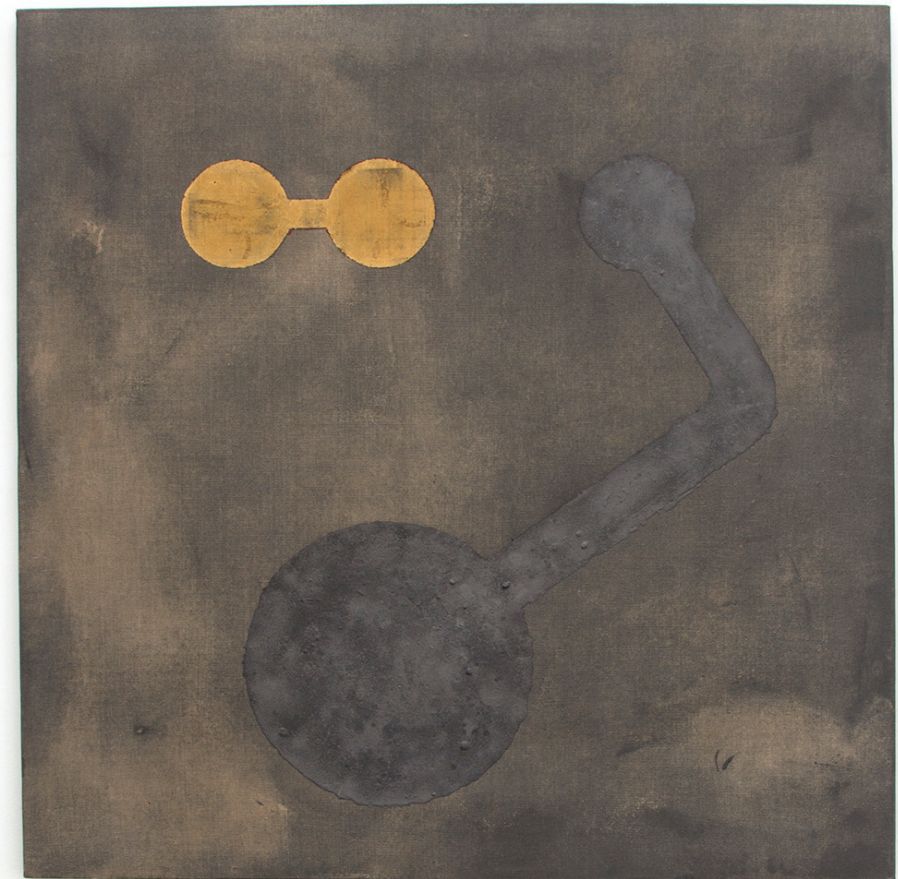
Memories of Underdevelopment - Pacific Standard Time LA/LA
Museum of Contemporary Art San Diego
San Diego, EUA - coletiva
17 de Setembro, 2017 - 7 de Janeiro, 2018

exposições atuais:

On the Affective Nature of Form
Museu Reina Sofia, Madri, Espanha - coletiva
26 Abril - 16 Outubro, 2017

Coleção MAC Niterói: Arte contemporânea no Brasil
MAC Niterói, Niterói, Brasil - coletiva
24 de Junho - 01 de Outubro, 2017

Iluminados
SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil - coletiva
10 de agosto - 11 de Outubro, 2017



Antonio Dias
Sem título, 1986
óleo sobre tela
120 x 120 cm

Artur Lescher

(n. 1962 , São Paulo, Brasil). Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Artur Lescher investiga as qualidades tangíveis da escultura e sua interação com a arquitetura. O artista muitas vezes cria peças de volume único, que são projetadas para serem suspensas e sujeitas à gravidade. Como resultado obtém uma tensão única entre proporções esculturais e espaço circundante. Lescher tornou-se amplamente reconhecido por sua participação na 19ª Bienal de São Paulo (1987) e seu trabalho foi posteriormente apresentado na 25ª Bienal de São Paulo (2002), bem como na 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2005). O trabalho do artista tem sido destaque em exposições na América Latina, Europa e Estados Unidos, incluindo duas exposições no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2006 e 2010), o projeto solo *Inabsência* no “Projeto Octógono Arte Contemporânea” na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2012) e, mais recentemente, a exposição individual *Porticus* no Palais d’Iéna, Paris (2017).

exposições recentes (seleção):

Palais d’Iéna, Paris, França

Porticus – projeto solo

17-25 out 2017

Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA

Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art, São Paulo – coletiva

01 set - 31 dez 2017

Caixa Cultural São Paulo (CC-SP), São Paulo, Brasil

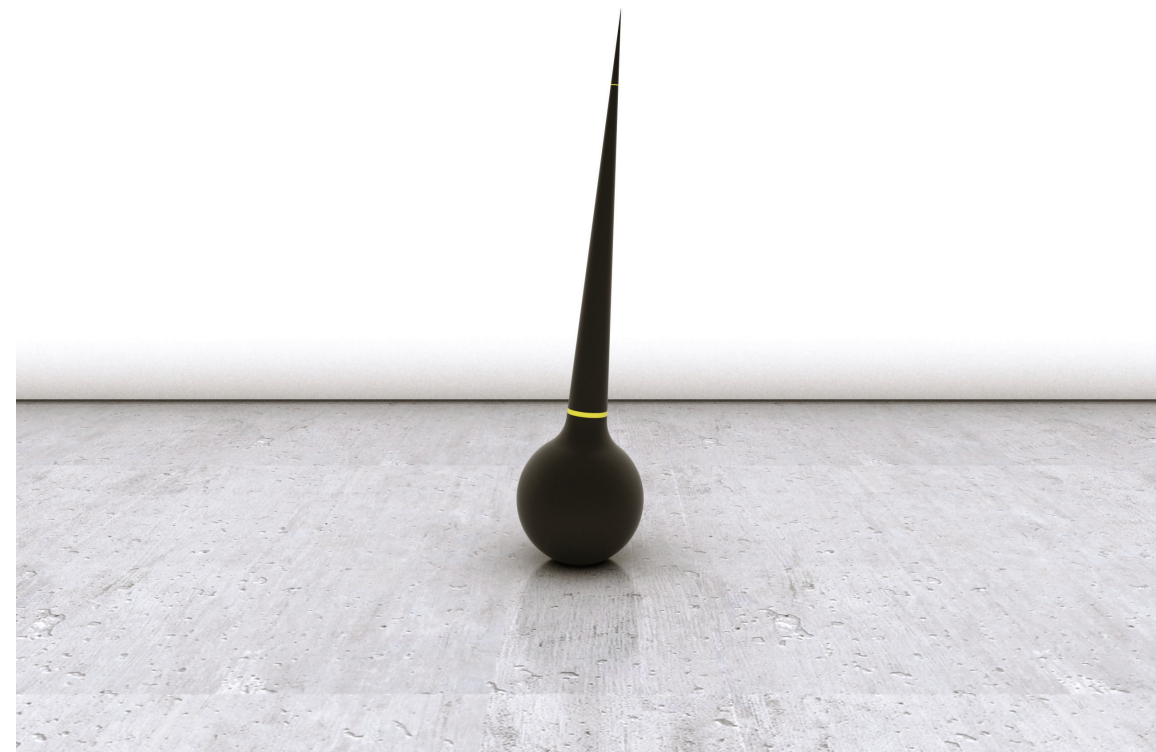
Fronteiras, Limites, Interseções: entre a Arte e o Design – coletiva

27 mai - 30 jul 2017

Oca - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, São Paulo, Brasil

Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos – coletiva

25 mai 2017 - 13 ago 2017



*imagem referencial (projeto) cortesia do artista.

Artur Lescher

Tomar # 03, 2017

alumínio edição 1 de 5 + 2 PA

220 x 50 cm

Berna Reale

b. 1965, Belém, Brasil. Vive e trabalha em Belém, Brasil.

Reale estudou Artes Visuais na Universidade Federal do Pará (Belém, PA, Brasil). Está particularmente interessada na violência que permeia o Brasil e procura incentivar os espectadores a confrontar esta questão na esfera pública. Em suas performances e instalações, Berna Reale envolve seu próprio corpo ou o dos participantes dispostos a refletir sobre o momento socio-político contemporâneo de Belém. Nos últimos anos, a violência tem sido seu foco de atenção. Tornou-se perita criminal do Centro de Habilidades Científicas do Estado do Pará e experiência conflitos relacionados a crimes e condições socioeconômicas que são estão implicados em seu trabalho. Para sua performance de 2014 *Rosa púrpura*, Reale contratou um grupo de mulheres para desfilarem em sua cidade natal em trajes colegiais e com enfeites de lábios exagerados para evocar bonecas sexuais. Ela filmou o evento, documentou as experiências das mulheres e distribuiu imagens em suas cidades para engendrar uma conversa sobre a fetichização e a violência contra as mulheres. No vídeo *Habitus* (2015), Reale é vista em uma fábrica como em um centro de reabilitação, costurando sacos plásticos pretos, que depois usa para embalsamar os corpos de prisioneiros falecidos no Centro Forense. Estes são os mesmos sacos usados para proteger os ternos dos políticos. Reale participou de exposições solo e coletivas no Brasil e na Europa em 2014, representou o Brasil na 56ª Bienal de Veneza (Veneza, Itália, 2014).

exposições recentes (seleção):

Museu Nacional da República, Brasília/DF, Brasil
Contraponto - Coleção Sérgio Carvalho – coletiva
17 nov 2017 - 25 fev 2018

A4 Arts Foundation, Cidade do Cabo, África do Sul
How to Remain Silent? – coletiva
24 out - 10 nov 2017

Miami Dade College Museum of Art + Design, Miami, EUA
Lecture/Performance & Screenings: Berna Reale – individual
29 set - 13 out 2017

LAXART, Hollywood, EUA
Video Art in Latin America, II PST: LA/LA – coletiva
17 set - 16 dez 2017

Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo (CCBB-SP), São Paulo, Brasil
Vão – individual
17 jul - 28 ago 2017



Berna Reale
Frio, 2017
vídeo digital, cor, som
edição 1 de 5
2'57''

Brígida Baltar

n. 1959, Rio de Janeiro) vive e trabalha em Rio de Janeiro.

Brígida Baltar investiga a relação intimista entre o corpo e o espaço, destacando-se internacionalmente a partir de sua individual *An Indoor Heaven* (2006), realizada no Firstsite, Colchester, Reino Unido, onde apresentou desenhos feitos com pó de tijolo, material que se tornou uma de suas marcas poéticas. Parte de seus trabalhos, apresentados ao público em formato final como fotografias, vídeos e filmes, são registros de ações que realiza sozinha ou com pessoas conhecidas e que se convertem em processos de seleção, armazenamento e organização de materiais - proposições poéticas que rendeu a sua produção a chancela de existencialista. Suas obras mais conhecidas partem do processo de coleta de substâncias efêmeras, como gotas de orvalho, goteiras, neblina, chuva e maresia, trabalhos que são menos descritivos do que afirmativos a respeito da experiência e do convívio da artista com cada um desses materiais e situações habituais da paisagem carioca. Nos anos 1990, fez parte do Visorama, grupo de artistas organizado por Ricardo Basbaum, que o articulou em torno da crítica de arte e da interlocução entre seus membros, além do agenciamento de eventos e exposições.

exposições futuras:

Casa Naranja, Córdoba, Argentina

Futuro Volátil - coletiva

07 mar - 31 mai 2018

exposições recentes:

Terra-Art Project, Londres, RU

Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives - coletiva

09 jul - 05 ago 2017

Itaú Cultural, São Paulo, Brasil

Narrativas em Processo: Livros de Artista na Coleção Itaú Cultural - coletiva

09 mar - 07 mai 2017

Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho - Castelinho do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil

Disco é Cultura - O Disco de Vinil na Arte Contemporânea Brasileira - coletiva

01 - 24 set 2017

Brígida Baltar

Venho do Mar, 2017

bronze com banho de prata e armário de madeira

35 x 20 x 20 cm



Bruno Dunley

n. 1984, Petrópolis, Brasil; Vive e trabalha em São Paulo.

A partir de seu envolvimento com o Grupo 2000e8, Bruno Dunley desenvolve um pensamento crítico acerca da história da pintura, questionando seu estatuto na arte contemporânea. Em sua obra, códigos linguísticos como o gesto, o plano, a superfície e a representação são compreendidos como um alfabeto comum, um vocabulário a ser compartilhado ou, como o próprio artista diz, “uma série de perguntas e afirmações sobre as possibilidades da pintura, sobre o que é, e o que esperamos dela”. Muitas de suas obras são marcadas pela predominância de uma única cor na superfície, sugerindo uma linguagem visual minimalista. Há, contudo, uma busca recente no sentido de tornar visível seu procedimento de trabalho, realizado a partir da aplicação gestual de sucessivas camadas de tinta, o que atualmente vem resultando em pinturas de cores vibrantes e marcadas por intenso contraste.

Exposições recentes

Park - Platform for Visual Arts, Tilburg, Países Baixos

139 X Nothing but Good – coletiva

28 jan - 11 mar 2018

Caixa Cultural Rio de Janeiro (CC-RJ), Rio de Janeiro, Brasil

A luz que vela o corpo é a mesma que revela a tela – coletiva

14 jan - 12 mar 2017

The Fireplace Project, East Hampton, Nova York, EUA

9999 – coletiva

09 jun - 09 jul 2017

Bruno Dunley
Menino, 2018
óleo sobre tela
160 x 130 cm



Cao Guimarães

n. 1965, Belo Horizonte, Brasil. Vive e trabalha em Belo Horizonte.

Cao Guimarães trabalha na intersecção entre o cinema e as artes visuais, tendo iniciado sua produção cinematográfica no final da década de 80. Seus filmes já foram exibidos nos principais festivais de cinema ao redor do mundo, como Locarno, Cannes, Roterdã, Sundance, Berlim e Veneza. Suas obras fazem parte de coleções de importantes instituições como o Tate Modern de Londres, o Museu Guggenheim de Nova Iorque, o Museu Inhotim de Belo Horizonte, a Collección Jumex na Cidade de México e a Fondation Cartier em Paris. Participou de importantes Bienais, em São Paulo (2002, 2006), Cidade de México (2005) e Sharjah (Emirados Árabes Unidos, 2013), e exposições como *Tropicália: Os anos 60 no Brasil* no Kunsthalle em Viena (2010), e *Cruzamentos: Arte Contemporânea no Brasil no Wexner Center for the Arts* (Columbus, Ohio, 2014). Uma importante retrospectiva dos seus filmes foi apresentada no MoMA em Nova Iorque em 2011, no Festival Internacional de Cine Independiente em Buenos Aires e a Cineteca Nacional de México em 2014. Assim como seus curta-metragens, seus longas revelam o interesse de Guimarães em pessoas e lugares que normalmente passam despercebidos. Seu mais novo longa, *A Espera* estréia durante a SP-Arte, em projeções no Instituto Moreira Salles e no Sesc 24 de Maio, em São Paulo.

exposições recentes (seleção)

Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil

Ensaio de Tração – coletiva

21 out 2017 - 12 mar 2018

Centro Cultural Fiesp, São Paulo, Brasil

Ready Made in Brasil – coletiva

10 out 2017 - 11 fev 2018

LAXART, Hollywood, EUA

II PST: LA/LA – Video Art in Latin America – coletiva

17 set - 16 dez 2017

EYE Filmmuseum, Amsterdam, Países Baixos

Locus: Apichatpong Weerasethakul & Cao Guimarães – coletiva

16 set - 03 dez 2017

Galpão VB, São Paulo, Brasil

Resistir, Reexistir – coletiva

16 set - 18 mar 2017



Cao Guimarães

Sem Título, da série Plano de Vôo, 2015

fotografia digital colorida

edição 1 de 5 + 2 AP

40 x 70 cm (cada)

Carlito Carvalhosa

n. 1961, São Paulo, Brasil; Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Em suas pinturas, esculturas e instalações, Carlito Carvalhosa segue diretrizes construtivas para investigar o potencial expressivo do material e da forma. Na década de 1980, surgiu como membro do coletivo paulista Grupo Casa 7, que focou na produção e debate em torno do expressivo potencial da pintura. Durante este tempo, Carvalhosa tornou-se conhecido por grandes pinturas que enfatizavam o gesto pictórico. Algumas de suas obras mais influentes estão: *A Soma dos Dias*, exibida no átrio do Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova York (2011) e no Projeto Octógono Arte Contemporânea na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2010); a instalação site specific *Sala de Espera*, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC / USP) (2013); e a performance do Rio no Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova York (2014). Carvalhosa também participou da 18ª Bienal de São Paulo (1985), da Bienal de Havana (1986 e 2012) e da Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2001 e 2009).

Carlito Carvalhosa
Sem título (P17/18), 2018
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm



exposições atuais:

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Brasil

Oito Décadas de Abstração Informal - Coleções Museu de Arte Moderna de São Paulo e Instituto

Casa Roberto Marinho – coletiva

17 jan - 22 abr 2018

exposições recentes (seleção):

Beijing Minsheng Art Museum, China

Troposphere - Chinese and Brazilian Contemporary Art – coletiva

09 dez 2017 - 03 mar 2018

Centro Cultural Fiesp, São Paulo, Brasil

Ready Made in Brasil – coletiva

10 out 2017 - 11 fev 2018

Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA

Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art, São Paulo –

coletiva

01 set - 31 dez 2017

Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil

Pedra no Céu - Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha – coletiva

02 abr - 02 jul 2017

Cristina Canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil. Vive e trabalha em Berlim, Alemanha.

Iniciou sua carreira artística trabalhando com desenho e pintura no Parque Lage, Rio de Janeiro, na década de 1980. Após firmar-se na cena brasileira como parte da Geração 80, recebeu uma bolsa do Estado de Brandemburgo, na Alemanha, para realizar um projeto artístico no Castelo Wiepersdorf, e uma bolsa do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico para estudar na Academia de Belas Artes de Düsseldorf, onde permaneceu até 1995. Durante este período, estudou pintura sob a tutela do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Em seus trabalhos, combina abstração e representação em pinturas com técnica mista sobre tela. Há décadas, investiga a história da pintura e seu contínuo desenvolvimento. As obras do início de sua carreira são físicas, repletas de matizes escuros, linhas sólidas e impasto. Já a passagem pela Alemanha lhe rendeu uma paleta de cores mais claras e uma técnica mais suave. Seus trabalhos mais recentes revelam influências do pós-impressionismo e neoexpressionismo, ao passo que seus temas – paisagens, pessoas, cenas domésticas, cães e gatos – lembram temas pré-modernos e do início do período modernista. As obras em grande escala criam ambientes lúcidos, com retratos que incorporam a infância e a abstração.

exposições atuais:

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Alucinações à beira mar – coletiva

25 nov 2017 - longa duração

exposições recentes (seleção):

Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

A Cor do Brasil – coletiva

02 ago 2016 - 15 jan 2017

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Em Polvorosa – coletiva

30 jul - 06 nov 2016

Galeria Nara Roesler, Nova York, EUA

Things and Beings – individual

19 jan - 18 fev 2017

Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha

Cristina Canale: Zwischen den Welten – individual

22 abr - 03 mai 2015



Cristina Canale

Engel, 2017

óleo sobre tela

140 x 170 cm

Dan Graham

n. 1942, Urbana/Illinois, EUA. Vive e trabalha em Nova York.

É um dos principais expoentes da arte conceitual, reconhecido por uma consistente produção intelectual e artística que, desde o princípio de sua carreira em meados da década de 1960, se baseia no diálogo entre arte e arquitetura e no debate sobre as relações entre obra de arte, espaço urbano e público no contexto da cultura de massas. Sua primeira incursão oficial no mundo da arte aconteceu em 1962, quando fundou a Galeria John Daniels em Nova York, apresentando o trabalho de jovens artistas então emergentes no cenário artístico da cidade – dentre eles, Sol LeWitt e Donald Judd, outros nomes considerados fundamentais para as vertentes do conceitualismo e do minimalismo. Mas o engajamento crítico de Graham manifesta-se de forma ainda mais contundente a partir do final da década de 1970, quando começa a realizar sua famosa série *Pavilion*, composta por estruturas formadas, em especial, por vidro espelhado. Graham vem realizando importantes exposições individuais e retrospectivas em instituições ao redor do mundo, além de ter participado de várias edições da Documenta de Kassel (1972, 1977, 1982, 1992, 1997) e da Bienal de Veneza (1976, 2003, 2005).

exposições atuais:

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Alucinações à beira mar – coletiva

25 nov 2017 - longa duração

exposições recentes (seleção):

Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

A Cor do Brasil – coletiva

02 ago 2016 - 15 jan 2017

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Em Polvorosa – coletiva

30 jul - 06 nov 2016

Galeria Nara Roesler, Nova York, EUA

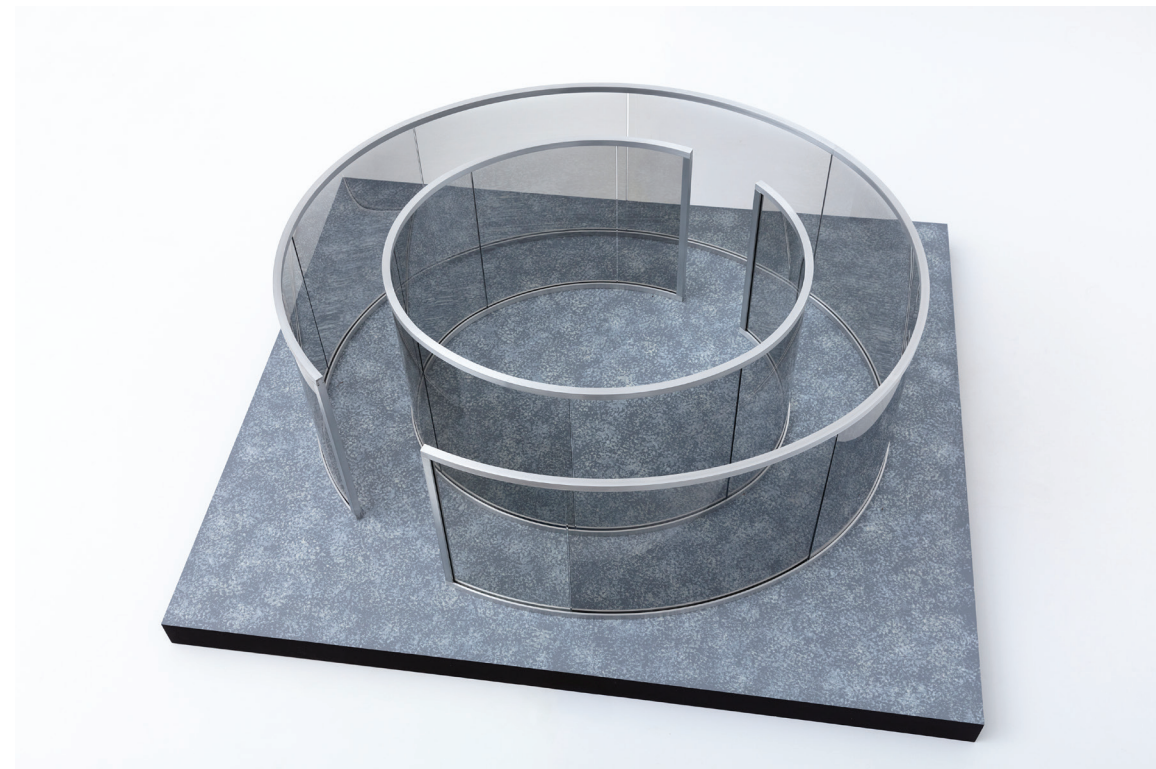
Things and Beings – individual

19 jan - 18 fev 2017

Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha

Cristina Canale: Zwischen den Welten – individual

22 abr - 03 mai 2015



Dan Graham

Sem Título, 2016

vidro espelhado de 2 faces, MDF e alumínio ed 1/3

42 x 107 x 125 cm

Daniel Buren

n. 1938, Boulogne-Billancourt, França. Vive e trabalha em Boulogne-Billancourt, França.

Daniel Buren fez notáveis contribuições para a Arte Conceitual desde o início dos anos 1960, quando desenvolveu o que chamou de “grau zero da pintura”, abandonando práticas tradicionais e adotando uma estética rigorosa baseada exclusivamente em listras verticais. Baseado nos conceitos de “trabalho in situ” e “trabalho situado”, desenvolve projetos *site-specific* de caráter tanto permanente quanto temporário em diversas partes do mundo. Recentemente, o artista vem desenvolvendo peças que estabelecem um diálogo entre profundidade, superfície e reflexão, combinando prismas triangulares que se projetam da parede e painéis com acabamento espelhado. Buren tem realizado projetos especiais em importantes instituições, como: Centre Pompidou-Málaga, Espanha (2017); Museo de Arte Moderno de Bogotá, Colômbia (2017); BOZAR Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica (2016); Museo Espacio, Aguascalientes, México (2016); Baltic Centre for Contemporary Art, Gateshead, UK (2014); Musée d’Art moderne et contemporain de Strasbourg, France (2014); e Centre Pompidou-Metz, França (2013). Expôs na La Biennale di Venezia mais de dez vezes, representando a França na 42ª edição do evento (1986), quando recebeu o Leão de Ouro. No mesmo ano, inaugurou seu primeiro e mais controverso projeto comissionado, *Les Deux Plateau* (1985-86), no pátio principal do Palais Royal de Paris, França. Em 2007, recebeu o *Praemium Imperiale for Painting*, concedido pela Japan Art Association. Mais recentemente, foi selecionado para a Monumenta 2012 no Grand Palais em Paris, França.

Daniel Buren

Photo Souvenir: Prismas e Espelhos, alto relevos, trabalhos situados 2016/2017, 2017

madeira, cola, laca, espelho e adesivo vinil

225 x 135 cm x 45cm



exposições recentes (seleção):

Centre Pompidou-Málaga, Málaga, Espanha

Daniel Buren - Proyecciones / Retroproyecciones. Trabajos in situ. 2017

25 out 2017 - 14 jan 2018

Museo de Arte Moderno de Bogotá (MAMBO), Bogotá, Colômbia

Daniel Buren - Del medio círculo al círculo completo: un recorrido de color

09 ago 2017 - 01 jan 2018

Foundation Louis Vuitton, Paris, França

Daniel Buren - L'Observatoire de la lumière, travail in situ

11 mai 2016 - 02 mai 2017

Museo Espacio (ME), Aguascalientes, México

Daniel Buren - Como un juego de niño, trabajo in situ

21 jul - 02 out 2016

Museo d'Arte Contemporanea Donnaregina (MADRE), Nápoles, Itália

Daniel Buren - Come un gioco da bambini, lavoro in situ, 2014-2015, Madre, Napoli - #1

25 abr 2015 - 29 fev 2016

Musée d'Art moderne et contemporain de Strasbourg (MAMCS), Estrasburgo, França

Daniel Buren - Comme un jeu d'enfant, travaux in situ

13 jun 2014 - 08 mar 2015

Daniel Senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil; Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Daniel Senise formou-se em engenharia civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo ingressado na Escola de Artes Visuais do Parque Lage no ano seguinte, onde participou de cursos livres até 1983, tornando-se professor na mesma escola de 1985 a 1996. Participou de mostras internacionais coletivas importantes, entre elas Bienal de São Paulo, a Bienal de La Habana, em Cuba, a Bienal de Veneza, a Bienal de Liverpool, a Bienal de Cuenca, a Trienal de Nova Delhi, em instituições de renome como o MASP e o MAM de São Paulo, o Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, o MOMA, em New York, o Centre Georges Pompidou, em Paris, o Museu Ludwig, em Colônia, Alemanha. Dentre as exposições individuais se destacam: o MAM do Rio de Janeiro, MAC de Niterói, Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, o Museum of Contemporary Art, em Chicago, o Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México, Galeria Thomas Cohn Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro, Ramis Barquet Gallery e Charles Cowley Gallery, em Nova York, Michel Vidal, em Paris, Galleri Engström, em Estocolmo, Galeria Camargo Vilaça, em São Paulo, Pulitzer Art Gallery, em Amsterdam, Diana Lowenstein Fine Arts, em Miami, na Galeria Silvia Cintra, no Rio de Janeiro, Galeria Vermelho, em São Paulo, e a Galeria Graça Brandão, em Lisboa.

exposições atuais:

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
Alucinações à beira mar – coletiva
25 nov 2017 - longa duração

exposições recentes (seleção):

Galeria Nara Roesler, Nova York, EUA
Printed Matter – individual
19 set - 28 out 2017

Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil

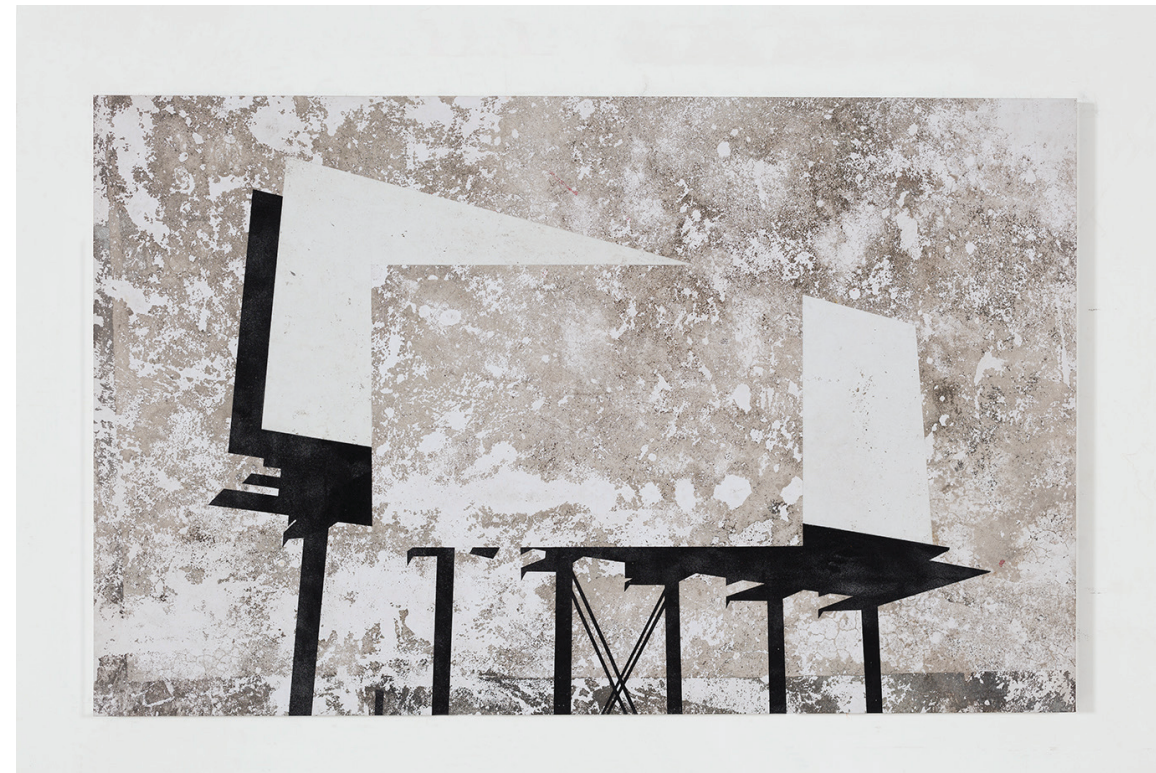
Il Frestas - Trienal de Artes: Entre pós-verdades e acontecimentos – coletiva
12 ago - 03 dez 2017

Oca - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, São Paulo, Brasil

Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos – coletiva
25 mai 2017 - 13 ago 2017

Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil

Daniel Senise – individual
04 abr - 27 mai 2017



Daniel Senise

Biógrafo XLV, 2018

monotipia de piso de madeira em tecido e médium acrílico sobre alumínio
125 x 200 cm

Eduardo Coimbra

n. 1955, Rio de Janeiro, Brazil; Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

No decorrer de sua carreira, em proximidade com a arquitetura, Coimbra desenvolveu projetos para espaços habitáveis e pesquisou registros, conceituações e recriações de paisagens, produzindo trabalhos fotográficos, desenhos, colagens, instalações em espaços institucionais, maquetes e projetos para o espaço público. Com frequência, convida o público a participar diretamente de suas obras, como em 2011, no Museu de Arte da Pampulha, quando os visitantes caminharam sobre gramados amplos cujas bordas se dissolviam em pequenos vasos de grama individuais. Em outro conjunto de obras, a série *Esculturas*, diversos cubos em três tamanhos diferentes (meio metro, 1 metro e 2 metros) são pareados e empilhados, criando espaços e caminhos a serem experimentados pelos espectadores. As faces dos cubos são pretas, brancas ou listradas e criam um dinamismo visual que problematiza a percepção de distâncias e profundidades. *Nuvem* é uma escultura de imagem e luz, um conjunto de cinco displays de luz em cujo centro há um registro fotográfico sequencial de uma nuvem em expansão. Juntas, as cinco caixas paralelas criam um casulo luminoso que sugere o volume de uma nuvem que também pode ser atravessada pelos visitantes. A escala da escultura interage com o ambiente arquitetônico do entorno, tornando-se um elemento proeminente na paisagem.

exposições recentes (seleção):

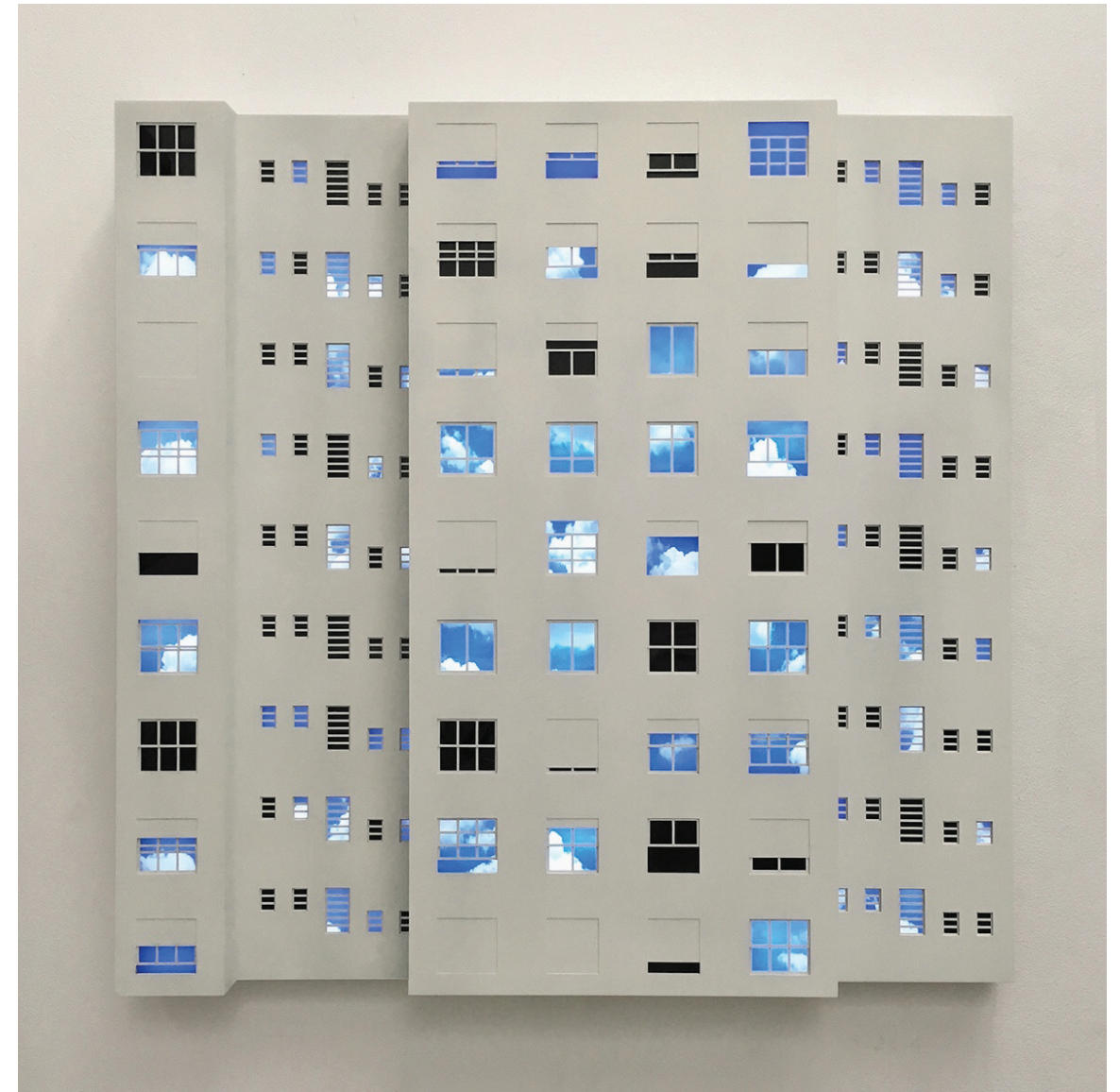
Caixa Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil
Fronteiras: entre a Arte e o Design – coletiva
27 mai - 30 jul 2017

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
Em Polvorosa – coletiva
30 jul - 06 nov 2016

Museum Beelden aan Zee, Haia, Países Baixos
Brazil, Beleza?! Hedendaagse Braziliaanse beeldhouwkunst – coletiva
26 mai - 02 out 2016

Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil
Fatos Arquitetônicos – individual
07 mai - 05 jun 2015

Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil
Uma Escultura na Sala – individual
30 abr - 28 jun 2015



Eduardo Coimbra
Arranha-céu 3, 2018
acrílico, MDF, chapa de ferro, fitas de LED's, fontes
150 x 150 cm

Eduardo Navarro

n. 1979, Buenos Aires, Argentina, Vive e trabalha em Buenos Aires, Argentina.

A prática artística de Navarro é focada em pesquisa; ele mergulha em estudos científicos, jurídicos ou espirituais para fundamentar suas performances. Para seus projetos participativos e comunitários, Navarro frequentemente colabora com vários especialistas, de padres e montanhistas a homeopatas. O artista muitas vezes convida os participantes a se engajarem com os produtos finais de seu trabalho e, ao mesmo tempo, documentar o processo por meio de fotografias, desenhos, mapas e escritos. A prática de Navarro testa os limites das estruturas e a formatação da experiência artística, criando situações e espaços que refletem a relação entre arte e vida.

exposições futuras:

Art Basel Cities: Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina
11-16 set 2018

SITE Santa Fe – Santa Fe International Biennial, Santa Fe, EUA
set 2018

exposições atuais:

The Drawing Center, Nova York, EUA
Into Ourselves – individual
06-15 abr 2018

Castello di Rivoli Museo d'Arte Contemporanea, Turin, Itália
Metamorphoses - Let Everything Happen to You – coletiva
06 mar - 24 jun 2018

Le Fresnoy - Studio national des arts contemporains, Tourcoing, França
Océans - Une vision du monde au rythme des vagues – coletiva
10 fev - 22 abr 2018

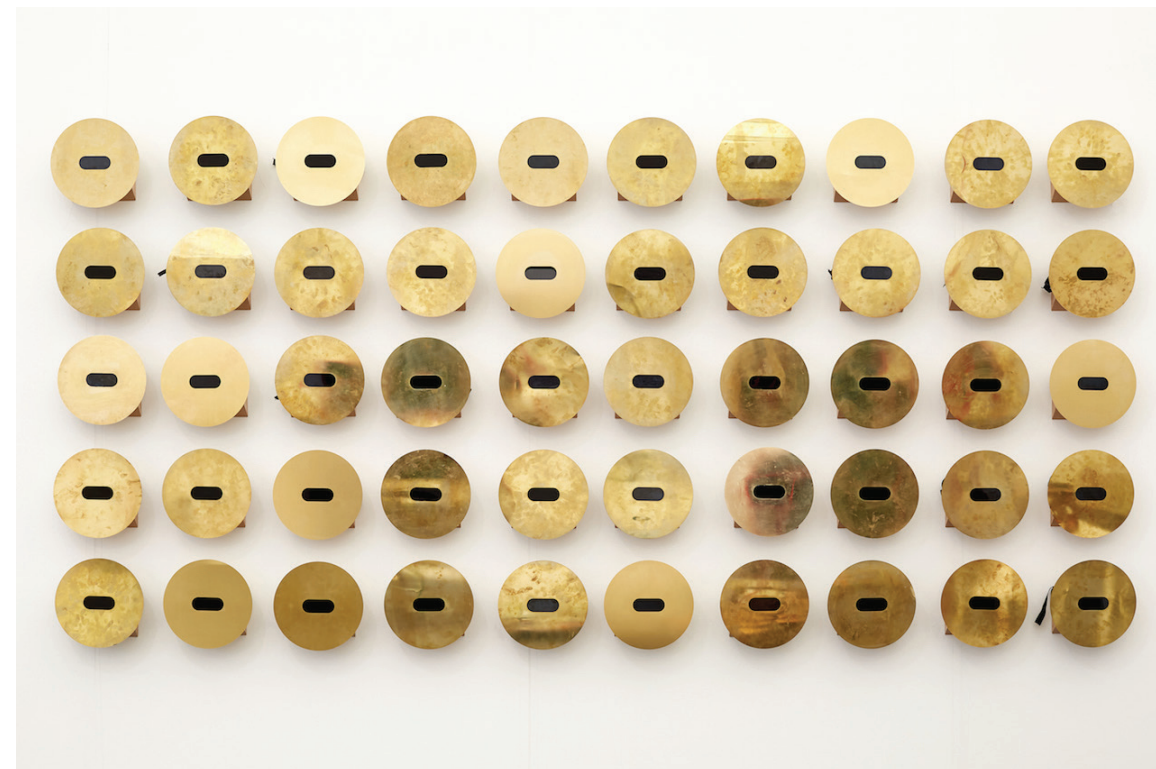
Skulpturen Park Koln, Koln, Alemanha
KölnSkulptur #9 - La Fin de Babylone. Mich wundert, dass ich so fröhlich bin! – coletiva
16 out 2017 - jun 2019

exposições recentes (seleção):

Der TANK, Art Institute – FHNW Academy of Art and Design, Basel, Suíça
Into Ourselves – individual
11 nov 2017

Flora ars+natura, Bogotá, Colômbia
Energ(ética): arte y energía sostenible – coletiva
23 out - 14 nov 2017

Thyssen-Bornemisza Art Contemporary (TBA21), Viena, Áustria
Tidialectics – coletiva
02 jun - 19 nov 2017



Eduardo Navarro

We who spin around you, 2016

50 máscaras de latão e 1 guia de áudio
15 Ø cm (cada máscara)

Fábio Miguez

(n. 1962, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo.

Inicia sua carreira na década de 1980 junto à célebre Casa 7, ateliê coletivo que reuniu Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade em torno da amizade e de propósitos estéticos comuns. Embora sua pesquisa esteja voltada ao trabalho pictórico, durante os anos 1990 começa a produzir *Derivas*, séries de fotografias que, anos mais tarde, são publicadas com o nome de *Paisagem Zero* (2012). Na última década, Miguez desenvolveu trabalhos de formulação tridimensional, como a instalação *Onde* (2006), o objeto *Ping-pong* (2008) e a série *Valises*, produzida desde 2007, que expande seu campo principal de investigação para dar lugar a obras que assumem a feição de maletas. A formação em arquitetura traz influência construtiva para algumas de suas pinturas, que, por sua vez, aliam-se ao estudo sobre a escala, a matéria e a figuração. O artista ainda lida com formas modulares, submetendo-as a um raciocínio combinatório, repetindo-as e variando sua posição ao passo em que lhes opera inversões e espelhamentos. Em pinturas mais recentes, como a série *Atalhos* (iniciada em 2011 - em processo) é possível notar esta operação em pequeno formato. Muitas delas guardam relação direta com a história da arte - como as que recortam partes de quadros de Piero della Francesca, Alfredo Volpi e Henri Matisse - e com situações pictóricas casuais encontradas, justamente, em elementos arquitetônicos, como casarios, pedras rejuntadas e muros de tijolos. Nessas trabalhos, a articulação de uma relação híbrida entre a figuração e a abstração é transpassada pela inclusão de palavras - algumas delas emprestadas de textos de João Cabral de Melo e Samuel Beckett - que funcionam como campos autônomos de informação e abrem campo para leituras mais amplas deste conjunto de obras.

exposições atuais:

Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil

Fragmentos do Real (Atalhos) - individual

10 mar - 05 mai 2018

exposições recentes (seleção):

Espaço Auroras, São Paulo, Brasil

Auroras - Pequenas Pinturas - coletiva

20 ago - 16 out 2016

Pivô, Edifício Copan, São Paulo, Brazil

Casa 7 no Pivô - coletiva

13 jun - 29 ago 2015

Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil

Iberê Camargo: Século XXI - coletiva

18 nov 2014 - 29 mar 2015



Fábio Miguez

Retábulo, 2017

óleo e cera sobre madeira e vidro, elementos em aço inox
edição única

274,6 x 137,8 x 32,1 (aberta)/ 74,2 x 390 x 17,2 cm (fechada)

Isaac Julien

n. 1960, Londres, Reino Unido. Vive e trabalha em Londres.

O trabalho de Julien utiliza elementos de disciplinas e práticas variadas (cinema, dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, entre outras), comentando sobre elas e as reunindo em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. Suas instalações cinematográficas e fotografias incorporam disciplinas artísticas variadas, criando uma linguagem visual poética e singular. *Looking for Langston*, de 1989, um drama-documentário sobre o autor Langston Hughes e o Renascimento do Harlem, tornou-se um cult, e seu longa de estreia *Young Soul Rebels*, de 1991, recebeu o prêmio *Semaine de la Critique* no Festival de Cannes. Nos últimos anos, Julien tem pesquisado intensivamente a personalidade complexa e a obra da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, tida como uma das mais importantes personalidades do movimento arquitetônico modernista latino-americano do século 20. Ao invés de um documentário ou cinebiografia, a nova obra de Julien propõe uma viagem cinematográfica e fotográfica e uma meditação poética sobre a vida e a obra de Lina Bo Bardi. A obra inclui reconstituições e reinvenções de cenas que definiram o imaginário histórico e fictício que cerca Lina Bo Bardi. Para este trabalho, Julien recrutou as famosas atrizes brasileiras Fernanda Montenegro e Fernanda Torres para interpretar Lina Bo Bardi em sua juventude e maturidade no novo filme. O músico Gilberto Gil, que era íntimo de Lina Bo Bardi, também colabora com a trilha sonora original do filme.



Isaac Julien

Under Opaline Blue (Stones Against Diamonds), 2015

fotografia

edição 4 de 6 + 1 PA

180 x 240 cm

exposições futuras (seleção):

Columbus Museum of Art, Columbus, EUA

Isaac Julien: Looking for Langston – individual

28 set 2018 - 20 jan 2019

Exposições atuais (seleção):

Museum of Contemporary Art (MoCA), Taipei, Taiwan

The Rebellion of Moving Image – coletiva

03 mar - 06 mai 2018

Wysing Arts Centre, Cambridge, RU

More of an Avalanche – coletiva

11 fev - 15 abr 2018

ARoS Århus Kunstmuseum - Focus gallery, Aarhus, Dinamarca

ARoS Focus Intermezzo: Isaac Julien - Western Union (Small Boats) – individual

03 fev - 27 mai 2018

exposições recentes (seleção):

Birmingham Museum & Art Gallery, Birmingham, RU

Coming Out: Sexuality, Gender & Identity – coletiva

02 dez 2017 - 05 abr 2018

Fort Mason Center for Arts & Culture (FMCAC), San Francisco, EUA

Playtime – individual

01 dez 2017 - 11 fev 2018

Palazzo della Triennale, Milão, Itália

La Tierra Inquieta, XXI La Triennale di Milano – coletiva

28 abr - 28 ago 2017

Diaspora Pavilion, Veneza, Itália

57ª La Biennale di Venezia - Viva Arte Viva – coletiva

13 mai - 26 nov 2017

José Patrício

n. 1960 em Recife, Brasil. Vive e trabalha no Recife.

Sua prática artística emprega a lógica matemática e regras predefinidas para juntar pedras de dominó, botões, pregos, dados e peças de quebra-cabeça em composições geométricas. As composições geométricas em série de José Patrício mesclam pintura e instalação, criando padrões de cores e formas com objetos ready-made. Muitos de seus trabalhos, que lembram mosaicos, são feitos de peças de dominó, que o artista organiza com base na cor de seus pontos e não em seu valor numérico, como seria de se esperar segundo as regras do jogo. Em *Ars Combinatoria* (2005), Patrício cobriu o piso de uma abadia na França com pedras de dominó dispostas de forma intrincada, criando uma variedade aparentemente infinita de padrões de quadrado em tons intensos de verde-esmeralda e ocre. De acordo com o crítico Moacir dos Anjos, a obra é uma tentativa de Patrício “de conciliar o rigor da forma repetida e regular com o acaso que, em medida larga, rege o mundo”. As peças de dominó azuis e brancas em *O jogo da vida* (1976), por exemplo, lembram os azulejos coloniais em branco e azul encontrados em igrejas brasileiras.

exposições recentes (seleção):

Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil

Explosão Fixa – individual

22 ago - 18 nov 2017

Sesc Santo Amaro, Santo Amaro, Brasil

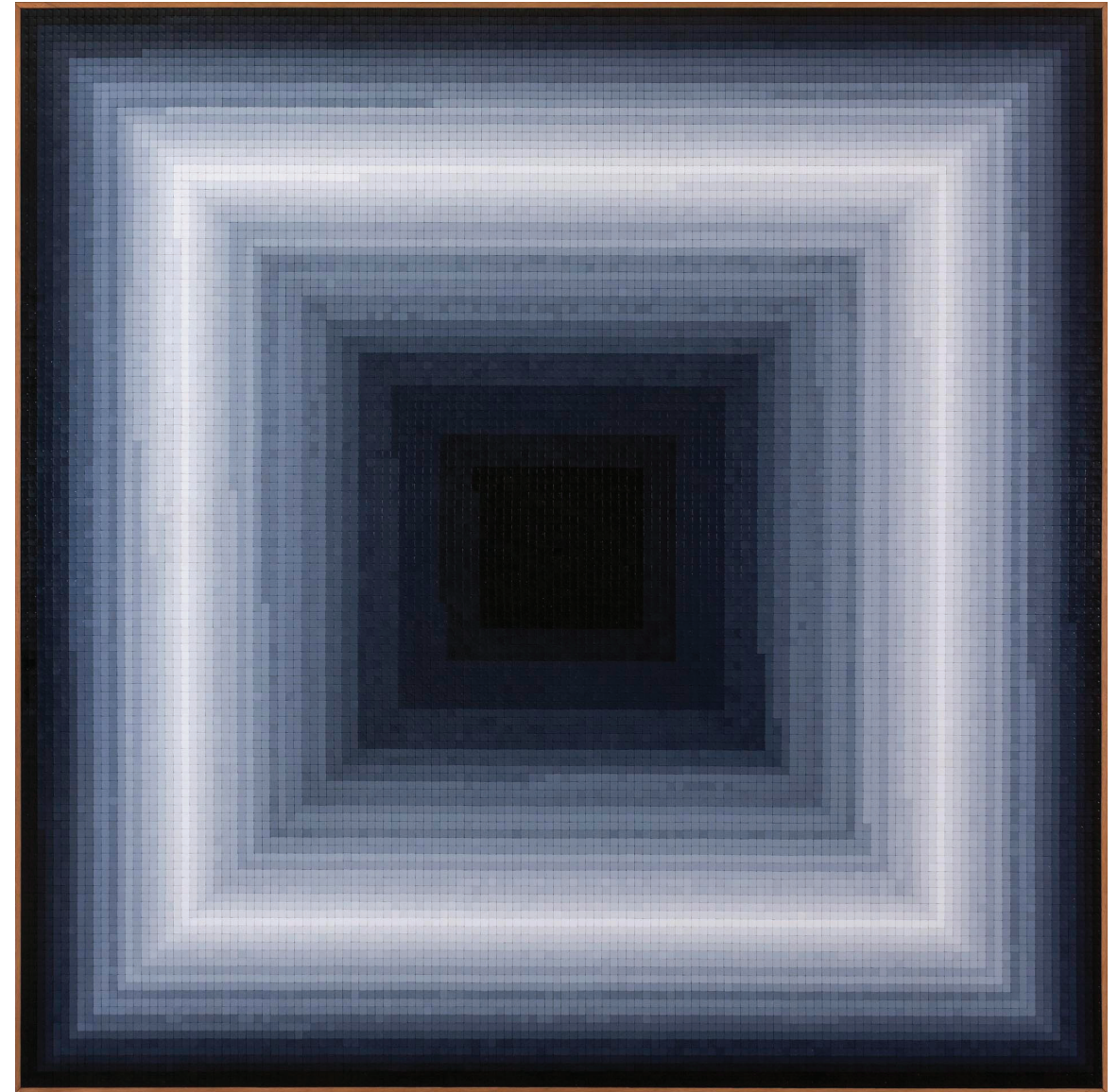
Ponto Zero - José Patrício – individual

08 abr - 30 jul 2017

Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), Recife, Brasil

Precisão e Acaso – individual

28 jul - 08 out 2017



José Patrício

Expansão e retração tonal II, 2017

peças de quebra-cabeças de plástico sobre madeira

edição 3 de 3 + 1 PA

190 x 190 cm

Julio Le Parc

n. 1960 em Recife, Brasil. Vive e trabalha no Recife.

Ao longo de quase seis décadas, Julio Le Parc realizou experiências inovadoras em torno da luz, do movimento e da cor. Além de artista óptico e cinético, promove uma visão utópica para a arte e a sociedade. É co-fundador do *Groupe de Recherche d'Art Visuel* (1960-68), que visa fundir identidades em uma entidade coletiva que pode ser mais do que a soma de suas partes. Em suas pinturas, esculturas e instalações, explora os efeitos ilusórios como meio de fazer imergir o público e romper as fronteiras entre a obra de arte e o espectador. Em sua série intitulada *Continuels-mobiles*, desenvolvida no início dos anos 1960, busca engajar-se com o movimento e a imprevisibilidade como um meio de se afastar da ideia de uma obra de arte "absoluta" e "definitiva". Através de estruturas que suspendem o plexiglass e a placa de metal em cordas de nylon, o artista infunde o espaço com fragmentos de luz e reflexão, fazendo com que a percepção do espectador seja reorientada. Le Parc representou a Argentina na 33ª Bienal de Veneza (1966), quando ganhou o Prêmio Internacional de Pintura, e seu trabalho foi apresentado em várias exposições individuais na Europa, América Latina e Estados Unidos.

exposições recentes (seleção):

Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil

Julio Le Parc: da Forma à Ação

25 nov 2017 - 25 fev 2018

Pérez Art Museum Miami (PAMM), EUA

Julio Le Parc: Form into Action

18 nov 2016 - 19 mar 2017

Bildmuseet - Umea University, Suécia

Le Parc: Lumière

22 nov 2015 - 17 abr 2016

Serpentine Galleries, Londres, RU

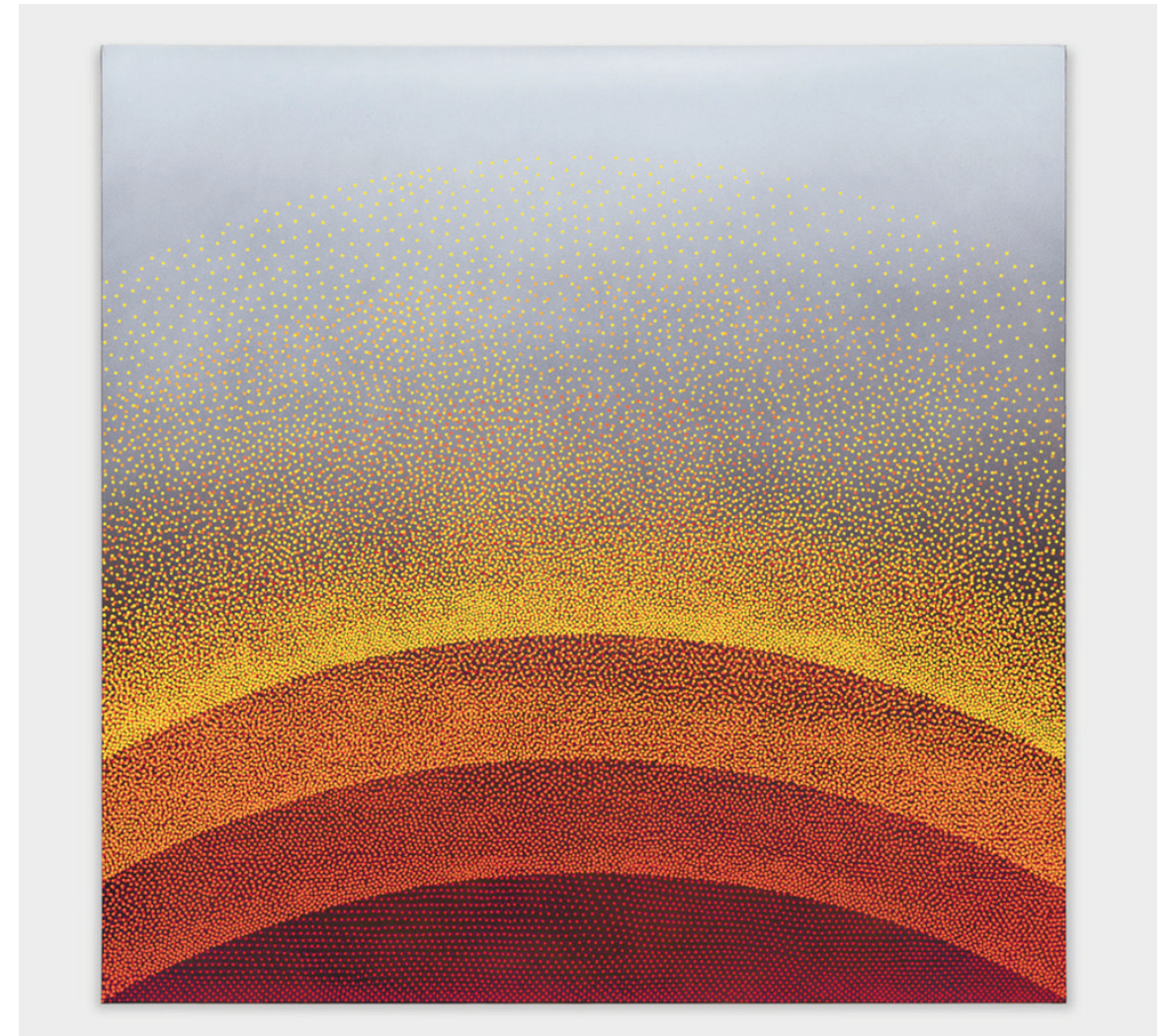
Julio Le Parc

25 nov 2014 - 15 fev 2015

Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Argentina

Le Parc: Lumière

12 jul - 06 out 2014



Julio Le Parc
Alchimie 357, 2017
acrílica sobre tela
200 x 200 cm

Laura Vinci

n.1962, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo.

Laura Vinci se dedica a pensar o espaço como um corpo, fazendo com que suas esculturas e instalações funcionem como mediadoras da relação entre ambos os elementos. No teatro, campo em que atua desde o final dos anos 1990, foi um dos nomes selecionados para representar o Brasil na 13ª Quadrienal de Praga: Espaço e Design da Performance (República Checa, 2015). Motivada pela relação com as artes cênicas - em especial, o contato com técnicas de preparação corporal -, Vinci começa a construir seu pensamento em torno do corpo e seu entorno. A partir da instalação proposta para o projeto Arte/Cidade III (1997), trabalho conhecido como "ampulheta", a artista sensibilizou-se com relação a questões que estão presentes em sua poética até hoje, como o tempo, o movimento, a transitoriedade e a mudança da matéria. Ao longo de sua trajetória, realiza outras intervenções pontuais em espaços públicos e privados, como *Mona Lisa* (2001), *Estados* (2002), *Máquina do mundo* (2006), *No ar* (2009), *Morro Mundo* (2017), procurando provocar o público a travar algum tipo de relação com os trabalhos, seja de estranheza ou apreço. Vinci utiliza materiais variados, que podem ser encontrados, por exemplo, no equipamento urbano, como luminárias utilizadas em postes públicos de iluminação. Ao conectar com fio de cobre uma rede de recipientes com água aquecida, a artista explora a transformação da matéria, construindo ambientes onde as mutações acontecem diante do olhar do espectador. A artista ainda trava muitas parcerias com a indústria para a concretização de alguns projetos, como as longas tubulações de vidro, de aparência laboratorial, construídas para conduzir uma fumaça úmida e branca ao seu destino final.

exposições futuras:

Instituto Ling

Todas as Graças – individual

17 abr - 21 jul 2018

exposições atuais:

Espaço Arte Imersiva, Farol Santander, São Paulo, Brasil

Diurna – projeto solo

25 jan - 04 mai 2018

exposições recentes (seleção):

Sesc Belenzinho, São Paulo, Brasil

ÁGUA - 23 artistas contemporâneos e a questões da água – coletiva

23 nov 2017 - 18 fev 2018

Espaço Cultural Porto Seguro (ECPS), São Paulo, Brasil

Tempo Presente – coletiva

01 nov - 17 dez 2017

Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA

Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art, São Paulo – coletiva

01 set - 12 dez 2017



Laura Vinci

Morro Mundo, 2018

vidro de borossilicatos, latão banhado a ouro

Ø 13 x 20 cm

Ø 16,9 x 20 cm

León Ferrari

1920-2013, Buenos Aires, Argentina.

É um dos artistas latino-americanos mais consagrados mundialmente, aclamado na Bienal de Veneza de 2007, na qual recebeu o prêmio *Leone D'Oro* em reconhecimento por sua obra que, até o fim da vida, o motivou a contestar o mundo em que vivemos. Em sua prática artística, faz uso de distintas linguagens como a escultura, o desenho, a caligrafia, a colagem, a assemblage, a instalação e o vídeo. Este conjunto heterogêneo de práticas integra temas que revelam tanto seu caráter de pesquisador e ativista como a investigação estética da linguagem, o questionamento do mundo Ocidental, o poder e a normatização que ditam os valores da Religião, da Arte, da Justiça e do Estado, a reverência à mulher e ao erotismo e a representação da violência. A repetição, a ironia e a literalidade também são recursos de sua poética, reconhecidos desde suas obras iniciais.

exposições futuras:

Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru

Memorias del Subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960-1985 – coletiva
nov 2018

exposições atuais:

Museo Jumex, Cidade do México, México

Memorias del Subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960-1985 – coletiva
21 mar - 09 set 2018

Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA

The Words of Others: León Ferrari and Rhetoric in Times of War – individual
16 fev - 12 ago 2018

exposições recentes (seleção):

Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

Histórias da Sexualidade – coletiva
20 out 2017 - 14 fev 2018

Museo de Arte Contemporáneo de la Provincia de Buenos Aires (MAR), Mar del Plata, Argentina

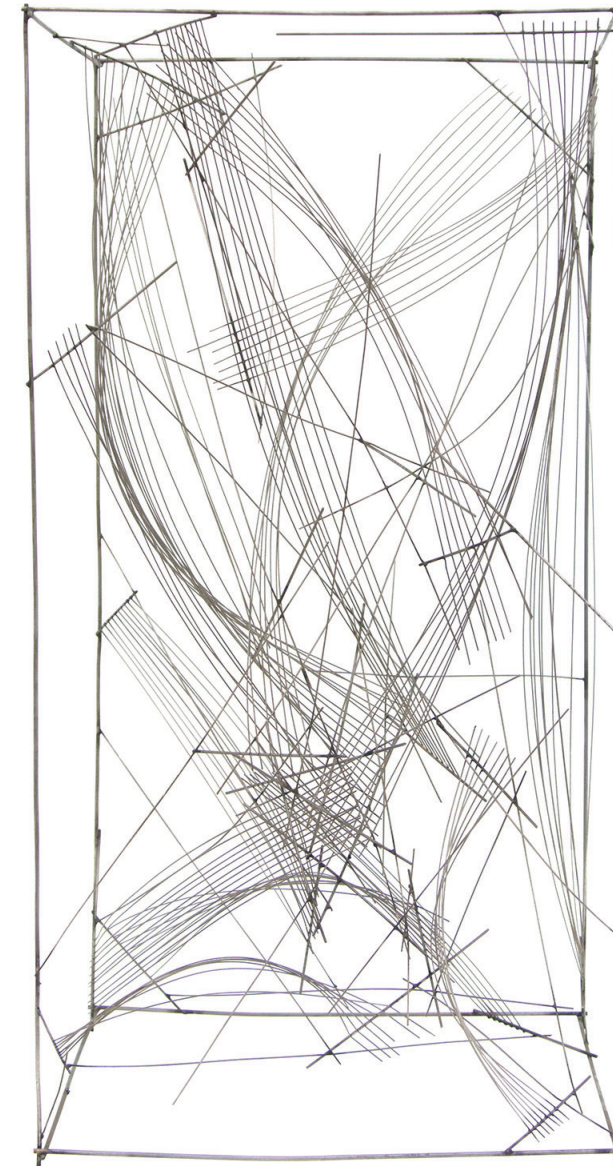
Músicas. Retrospectiva de la obra musical de León Ferrari – individual
21 set - 26 nov

Roy and Edna Disney/CalArts Theater (REDCAT), Los Angeles, EUA

The Words of Others: León Ferrari and Rhetoric in Times of War, II PST: LA/LA – individual
16 set - 17 dez 2017

The Metropolitan Museum of Art (The Met Breuer), Nova York, EUA

Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950-1980 – coletiva
13 set 2017 - 14 jan 2018



León Ferrari

Sem Título, circa 78-82

metal

70 x 30 x 30 cm

Lucia Koch

n. 1966 em Porto Alegre, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

No decorrer de sua carreira, Lucia Koch ficou conhecida por suas intervenções arquitetônicas, ao trabalhar com escultura, fotografia, vídeo ou filtros coloridos, no intuito de anular a tendência dos espectadores de concentrar sua atenção no conteúdo em detrimento da composição edificante dos espaços. Para conseguir esse efeito, realiza manipulações diversas, agregando filtros de luz e materiais translúcidos, alterando claraboias, fachadas e colando imagens de espaços tridimensionais em paredes. Essas ações geram uma tensão cumulativa entre interior e exterior e desafiam os limites dos espaços particulares. A obra de Lucia reflete uma preocupação maior com a habitabilidade de estruturas genéricas produzidas em massa. Mais recentemente, Koch tem trabalhado com impressão em seda. Air Temperature é um conjunto de obras que utilizam equações matemáticas para reproduzir diversos pores-do-sol aos quais a artista assistiu em cidades como Porto Alegre, São Paulo e Nagoya, entre outras. As cortinas transformam um ambiente natural numa prática estética industrial que cataloga o arquivo de pores-do-sol de Lucia Koch.

exposições recentes (seleção):

Museu Nacional da República, Brasília/DF, Brasil
Contraponto - Coleção Sérgio Carvalho – coletiva
17 nov 2017 - 25 fev 2018

A. Kasteyev State Museum of Arts, Almaty, Cazaquistão
Jameel Prize 4 – coletiva
29 out 2017 - 07 jan 2018

Frac Centre-Val de Loire - Les Turbulences, Orléans, França
I Biennale d'Architecture d'Orléans – coletiva
13 out 2017 - 01 abr 2018

Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA
Condemned to be Modern, II PST: LA/LA – coletiva
10 set 2017 - 27 jan 2018

Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA
Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art, São Paulo – coletiva
01 set - 31 dez 2017



Lúcia Koch

Cat food, 2017

impressão de pigmento sobre papel de algodão

edição de 6 + 2 PA

233 x 112,4 x 2,5 cm

Marcelo Silveira

n. 1962 em Gravatá, Pernambuco, Brasil. Vive e trabalha em Recife, Brasil.

Marcelo Silveira é escultor em mixed media e colagista, apropriando-se de centenas de objetos de madeira, vidro entre outros materiais domésticos que são organizados em configurações variadas, quase enciclopédicas. Quando concluídas, as obras são registros da categorização metódica e da extração de conteúdo empreendidas por Silveira a partir de suas práticas de acumulação. O artista frequentemente constrói configurações que se parecem com algo funcional ou representacional—como um edifício ou uma esfera - mas se esvaem em obscuridade mediante uma análise mais detalhada. *Armazém República* (2004) é uma instalação composta de dois segmentos distintos que compartilham, além do nome, sua estratégia construtiva. Em um desses segmentos, uma centena de peças esculpidas em madeira estão presas ao teto com faixas de couro, esperando por algum uso improvável. No outro, centenas de objetos (copos, potes, espelhos, garrafas, vasos, lâmpadas e cacos de vidro) estão organizados em prateleiras, formando um frágil painel vertical contraposto à horizontalidade opaca e robusta dos objetos de madeira pendurados acima. Silveira também tem uma expressiva produção de livros de artista.

exposições atuais:

Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil

Com texto - individual

08 abr - 12 mai 2018

Exposições recentes (seleção):

Museu Nacional da República, Brasília/DF, Brasil

Contraponto - Coleção Sérgio Carvalho - coletiva

17 nov 2017 - 25 fev 2018

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

35º Panorama da Arte Contemporânea do MAM-SP - Brasil por Multiplicação - coletiva

27 set - 17 dez 2018

Sesc Petrolina, Petrolina, Brasil

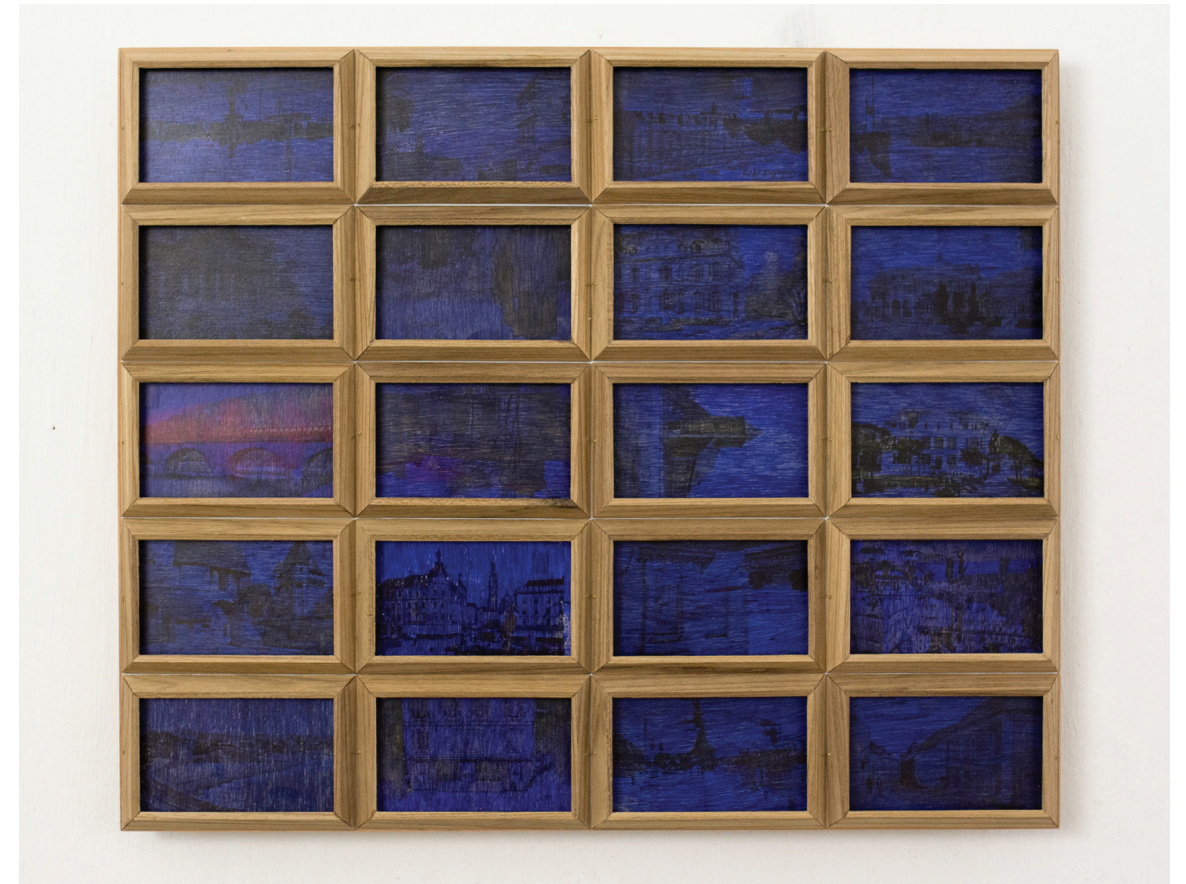
Caleidoscópio - individual

04 ago - 07 out 2017

Oca - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, São Paulo, Brasil

Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos - coletiva

25 mai 2017 - 13 ago 2017



Marcelo Silveira

Irene da Alegria à Glória, 2017/2018

papel, madeira caneta esferográfica e metal

47 x 57 x 5,5 cm

Marcos Chaves

n. 1961 no Rio de Janeiro, Brasil; Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

No começo dos anos 1980, cursou Arquitetura e Urbanismo na Universidade Santa Úrsula, sendo aluno de Lygia Pape, e estudou arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage - EAV e no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio). Seguiu para a Itália em 1984, onde atuou como assistente de Antônio Dias. Trabalhando sobre os parâmetros da apropriação e da intervenção, sua obra é caracterizada pela utilização de diversas mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, fotografias, vídeos, desenhos, palavras e sons. Seus trabalhos, em que se destacam sobreposições de imagens ou imagem e texto, são marcados pela presença de paródias, humor e ironia. Participou de diversas bienais, como as 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, Porto Alegre (1997 e 2005), a 54ª Bienal de Veneza (2011) e a 25ª Bienal Internacional de São Paulo (2002).

exposições atuais:

Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália

Inside the collection - Approaching thirty years of the Centro Pecci (1988-2018) – coletiva
30 jan - 03 jun 2018

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Alucinações à beira mar – coletiva
25 nov 2017 - longa duração

exposições recentes (seleção):

Centro Cultural Fiesp, São Paulo, Brasil

Ready Made in Brasil – coletiva
10 out 2017 - 11 fev 2018

Oca - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, São Paulo, Brasil

Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos – coletiva
25 mai - 13 ago 2017

El Museo del Barrio, Nova York, EUA

Rotative Repository of Latin American Video Art: Mono Canal – coletiva
11 jan - 30 abr 2017

Museu de Arte da UFPR (MusA), Curitiba, Brasil

Sinalíticas – coletiva
25 ago - 22 set 2017

Die Ecke Arte Contemporâneo, Santiago de Chile, Chile

Repositorio Rotativo de video arte latinoamericano mono canal – coletiva
25-29 abr 2017



Marcos Chaves

Infusão, 2018

técnica mista

32 x 22 x 10 cm

Marco Maggi

n.1957, Montevideo, Uruguay. Vive e trabalha entre Montevideo e Nova York.

As obras precisas e delicadas de Marco Maggi se utilizam de elementos do desenho para dialogar com a hostilidade do mundo hiper acelerado e pedem uma observação meticulosa por parte do público. Quando visto à distância, o trabalho oculta a complexidade das incisões e cortes mínimos, realizados com a máxima precisão. Maggi ganhou destaque nos anos 90, quando seu trabalho foi apresentado pela primeira vez em uma exposição individual intitulada *Tectonic*, em Nova York. Além de participar de diversas exposições na América Latina, Europa e Estados Unidos, representou o Uruguai na 56ª La Biennale di Venezia (2015), onde apresentou uma instalação monumental, parte de sua série *Global Myopia*. O artista também participou das 3ª e 4ª edições da Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2001 e 2003), 8ª Bienal de Havana (2003), 25ª Bienal de São Paulo (2002), 17ª Bienal da Guatemala (2010), e a 11ª Bienal de Cuenca (2011).

exposições futuras:

Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil

O papel é inocente – individual

ago 2018

exposições recentes (seleção):

Nasher Sculpture Center, Dallas, EUA

Paper into Sculpture – coletiva

14 out 2017 - 04 fev 2018

New York Public Library for the Performing Arts, EUA

Drawing Set – coletiva

05 set 2017 - 02 out 2017

Boulder Museum of Contemporary Art, Colorado, EUA

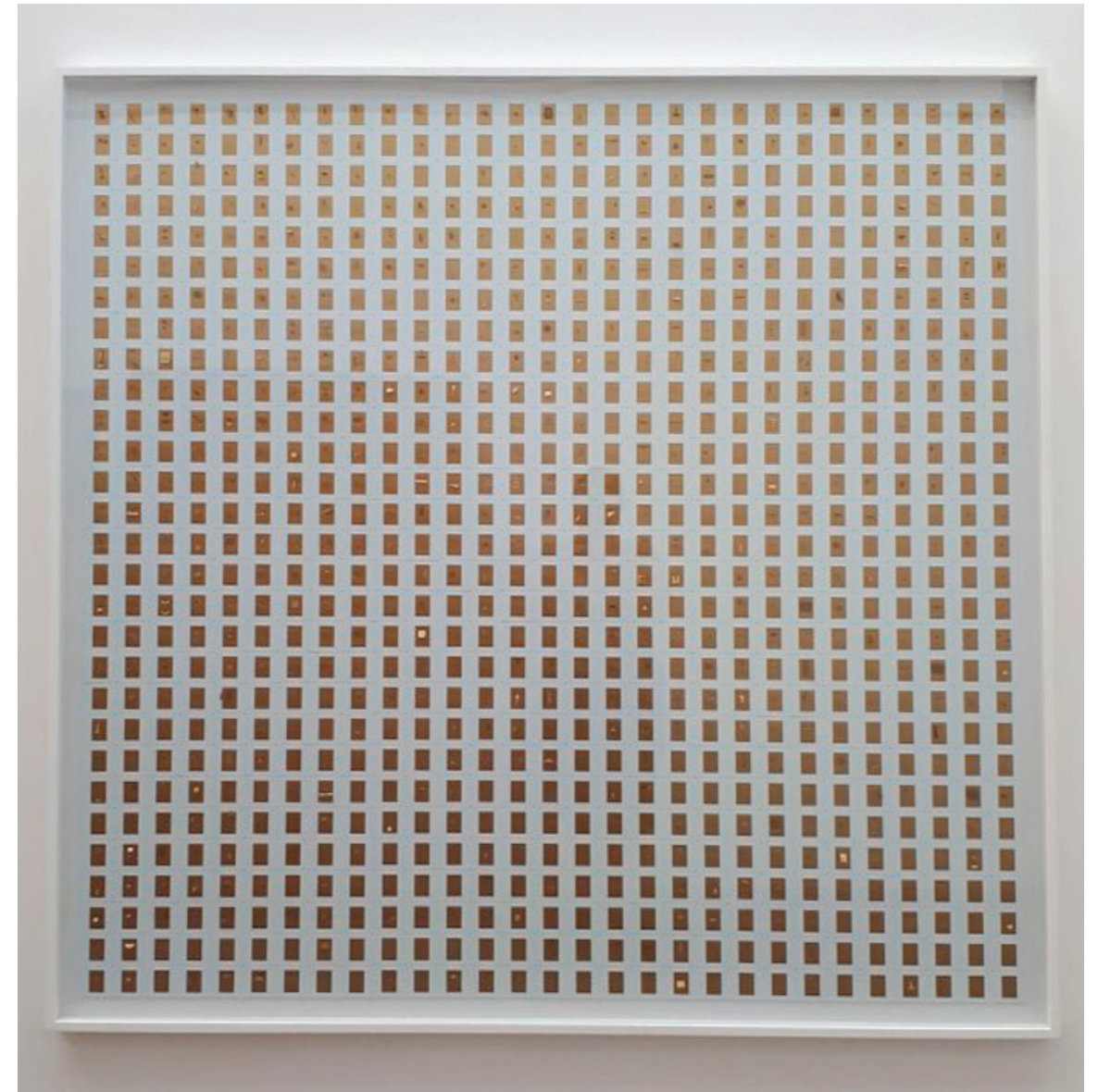
Walk the Distance and Slow Down – coletiva

09 jun 2017 - 08 jul 2017

The Courtauld Institute of Art, Londres, RU

12th East Wing Biennial, Artificial Realities – coletiva

30 jan 2016 - 30 jun 2017



Marco Maggi

Sem Título, 2018

841 slides sobre dibond

150 x 150 cm

Not Vital

n. 1948, Sent, Engadina, Suíça; Vive e trabalha entre o Rio de Janeiro, Pequim e Sent.

Not Vital é reconhecido por uma prática artística baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade, fazendo convergir em seu trabalho as noções de global e local. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas de estranhamento ou surpresa ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas do mundo. O artista articula esculturas, envolvendo processos colaborativos com artesãos, e construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura e estabelecendo íntima relação com o contexto cultural local. Desenvolve também obras em pintura e desenho que dialogam com os assuntos presentes em suas propostas escultóricas e arquitetônicas. Como filantropo, vem desde o começo dos anos 2000 instalando construções de caráter permanente em diversos lugares, como Agadèz (Níger), Patagônia chilena (Chile) e Paraná do Mamori (Brasil). Além de seus chamados *habitats*, dentre os quais se destaca *House to Watch the Sunset*, essas construções incluem também escolas, pontes ou túneis, cumprindo uma função social no lugar em que são instaladas. Vital recentemente apresentou uma importante retrospectiva sobre sua carreira no Yorkshire Sculpture Park, Wakefield (2016-17).

exposições atuais:

Kunstmuseum Basel, Basel, Suíça

Basel Short Stories. From Erasmus to Iris von Roten. The Wanderer and his Shadow. Nietzsche in Basel – coletiva

10 fev - 21 mai 2018

exposições recentes (seleção):

Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Suíça

NOT VITAL. univers privat – individual

09 set - 18 nov 2017

Schauwerk Sindelfingen, Sindelfingen, Alemanha

SPLIT - Mirror, Light. Reflection – coletiva

30 out 2016 - 03 out 2017

Yorkshire Sculpture Park, Wakefield, RU

Not Vital – individual

21 mai 2016 - 02 jan 2017

Not Vital

Lotus, 2011

aço inox

320 x 60 x 60 cm

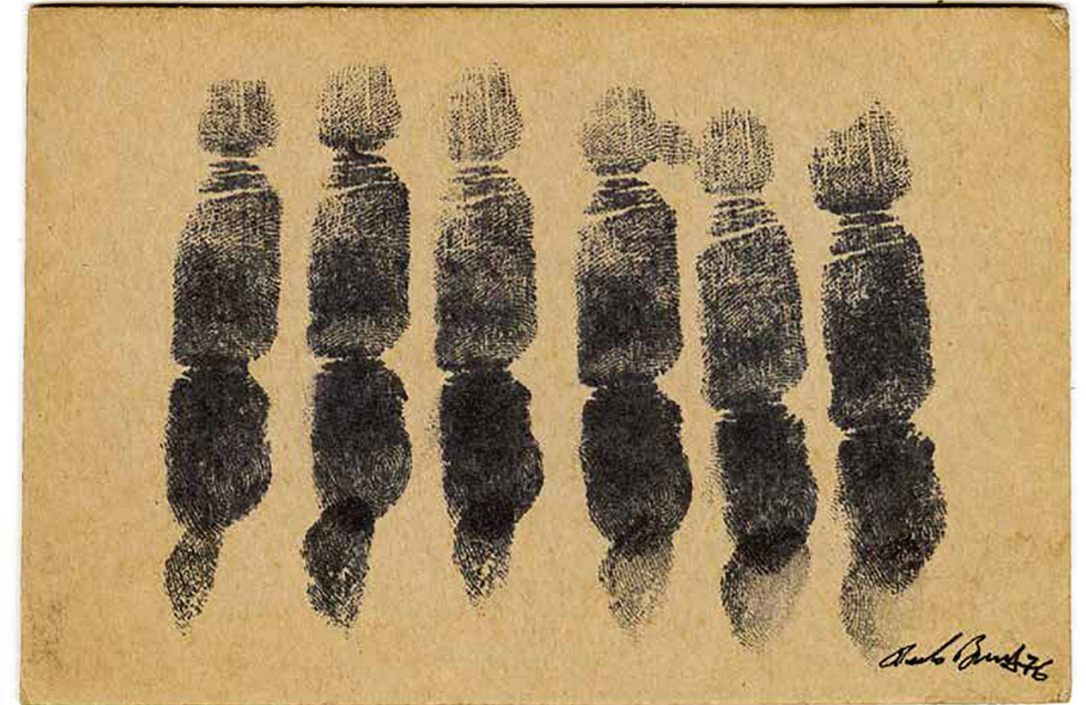


*imagem cortesia da Galerie Forsblom

Paulo Bruscky

n. 1949 no Recife, Brasil. Vive e trabalha em Recife.

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Seu trabalho, centrado na ideia de arte como informação, é marcado por um caráter tanto multimídia quanto intermídia, uma vez que combina diversos meios artísticos – como fotografia, colagem, xerox, carimbo, performance, *happening*, Super-8, vídeo (U-Matic) etc. –, escapando das tradicionais classificações da arte. Sua obra também é caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da postura crítica e militante do artista, cujo princípio da carreira coincide com a ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em muitos países latino-americanos, incluindo o Brasil. Introduzido por Robert Rehfeld (grupo Fluxus) ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. Em 1981, Bruscky participou da sala especial dedicada à Arte Postal na 16ª Bienal Internacional de São Paulo. Desenvolveu o processo de Xeroperformance em 1977 e criou o xerofilme, baseado em sequências xerográficas, em 1980. Entre 1979 e 1982, Bruscky também realizou cerca de 30 filmes de artistas e obras audiovisuais, desenvolvendo instalações em vídeo desde 1983.



Paulo Bruscky
Dançarinos russos com reflexo, 1977
carimbo sobre papel
10 x 15 cm

exposições futuras:

Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru

Memorias del Subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960-1985 – coletiva
nov 2018

exposições atuais:

Museo Jumex, Cidade do México, México

Memorias del Subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960-1985 – coletiva
21 mar - 09 set 2018

Cantor Center for Visual Arts, Stanford University, Stanford, EUA

The Matter of Photography in the Americas – coletiva
07 fev - 30 abr 2018

Centre Georges Pompidou, Paris, França

L'oeil écoute – coletiva
18 out 2017 - 19 abr 2018

exposições recentes (seleção):

Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

Histórias de Sexualidade – coletiva
20 out 2017 - 14 fev 2018

Centro Cultural Fiesp, São Paulo, Brasil

Ready Made in Brasil – coletiva
10 out 2017 - 11 fev 2018

University Galleries, University of San Diego (USD), San Diego, USA

Xerografia: Copyart Brazil, 1970-1990s, II PST: LA/LA – coletiva
15 set - 16 dez 2017

Pavilhão Internacional, Veneza, Itália

57ª La Biennale di Venezia - Viva Arte Viva – coletiva
13 mai - 26 nov 2017

Raul Mourão

n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil. Vive e trabalha entre o Rio de Janeiro e Nova York.

A prática artística de Raul Mourão é inspirada no ambiente urbano da cidade do Rio. As esculturas móveis, desenhos, vídeos e performances mesclam fragmentos de construções urbanas a formas abstratas. Partindo de meticulosos desenhos arquitetônicos, o artista cria esculturas abstratas minimalistas e assemblages que reproduzem a tensão entre o caos das cidades e sua geometria controlada, incorporando seu conjunto de referências, trilhos metálicos, sistemas de segurança, cercas e objetos que lembram bondes e estandes.

Mourão também cria filmes surrealistas que deixam entrever experiências urbanas periféricas, com sobreposições oníricas de objetos díspares. Desde 2010, o artista desenvolve esculturas cinéticas governadas por formas geométricas simples e reduções estruturais compostas de formas modulares. Sob diversos aspectos, sua produção mais recente alia a violência implícita de seus trabalhos anteriores a uma preocupação formalista com o equilíbrio entre as formas.

exposições recentes (seleção):

Centro Cultural Fiesp, São Paulo, Brasil

Ready Made in Brasil – coletiva

10 out 2017 - 11 fev 2018

Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil

Il Frestas - Trienal de Artes: Entre pós-verdades e acontecimentos – coletiva

12 ago - 03 dez 2017

Caixa Cultural São Paulo (CC-SP), São Paulo, Brasil

Fronteiras, Limites, Interseções: entre a Arte e o Design – coletiva

27 mai - 30 jul 2017

Oca - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, São Paulo, Brasil

Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos – coletiva

25 mai 2017 - 13 ago 2017

Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil

Você está Aqui – individual

23 jun - 31 jul 2016



Raul Mourão

X, 2018

aço corten

265 x 200 x 100 cm

René Francisco

n. 1960, Holguín, Cuba. Vive e trabalha em Havana, Cuba

René Francisco é conhecido por uma prática que sempre investigou questões relacionadas à identidade nacional cubana e à justiça social. Francisco é tido como um dos mais influentes artistas cubanos em atividade, destacando-se com sua obra versátil e que inclui pintura, escultura, vídeo, arte, arte-objeto, instalações e performance. Como personalidade internacional e professor de longa data da Escuela Nacional de Arte e do Instituto Superior de Arte, em Havana — onde deu aulas a alguns dos mais famosos artistas cubanos, como Los Carpinteros, Alexandre Arrechea e Wilfredo Prieto — Francisco desempenhou um papel importante com os artistas cubanos ao inseri-los nas discussões sobre seu próprio contexto cultural e sobre a arte mundial. Influente como ativista, artista e professor, Francisco aborda a arte para além do conceito de fragmentação ou de diferenças sociais, apresentando reflexões sobre a nacionalidade cubana na encruzilhada de um novo e importante capítulo da história política do país.

exposições recentes (seleção):

Walker Art Center, Minneapolis, EUA

Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950 – curadoria

11 nov 2017 - 18 mar 2018

Pabellón de Bellas Artes, Pontificia Universidad Católica Argentina (UCA), Buenos Aires, Argentina

Flatbed, Bienal Sur – projeto solo

10 set - 29 out 2017

Centro Cultural de la Memoria Haroldo Conti (CCMHC), Buenos Aires, Argentina

La Mirada que se separa de los brazos – coletiva

15 set 2017 - 28 jan 2018

Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA

Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950 – curadoria

05 mar - 21 mai 2017



René Francisco
Planeta, 2017
acrílica sobre tela
142,5 x 143 cm

Tomie Ohtake

n. 1931, Kyoto, Japão - 2015, São Paulo, Brasil.

Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, mudando-se para São Paulo em 1936, onde permaneceu até o final de sua vida. Um dos principais nomes da abstração no Brasil, Tomie iniciou sua carreira artística na maturidade, em 1952, logo se juntando ao Grupo Seibi, que reunia artistas de ascendência japonesa em São Paulo. Desde o começo, destacou-se por suas investigações sobre composição, cor e textura na pintura, realizando sua primeira exposição individual a convite do crítico Mario Pedrosa no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) em 1957. Trabalhando no intercâmbio entre abstração geométrica e abstração informal, a artista desenvolveu uma prolífica produção em pintura, gravura e escultura, além de diversos projetos de arte pública. Realizou inúmeras exposições no Brasil e no exterior, participando de várias bienais, como a Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996 e 1998) e a mostra Graffica d'Oggi na ocasião da 36ª La Biennale di Venezia (1972). Recebeu vários prêmios, sendo condecorada com a Ordem do Rio Branco pelo Ministério das Relações Exteriores do Governo Federal do Brasil em 1988. Devido sua importância para o cenário artístico do país, um dos espaços culturais mais notáveis de São Paulo, o Instituto Tomie Ohtake, foi fundado em sua homenagem em 2001.

exposições atuais:

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Brasil

Oito Décadas de Abstração Informal - Coleções Museu de Arte Moderna de São Paulo e Instituto Casa Roberto Marinho – coletiva

17 jan - 22 abr 2018

exposições recentes (seleção):

Caixa Cultural Brasília (CC-DF), Brasil

Tomie Ohtake - Cor e Corpo – individual

10 jan 2017 - 04 mar 2018

Espaço Cultural Porto Seguro (ECPS), São Paulo, Brasil

Tempo Presente – coletiva

01 nov - 17 dez 2017

Para Site, Hong Kong, China

The World is our Home. A Poem on Abstraction – coletiva

12 dez 2015 - 06 mar 2016



Tomie Ohtake
Sem Título, 1987
acrílica sobre tela
150 x 150 cm

Vik Muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Nova York

Vik Muniz é amplamente conhecido por seu trabalho em fotografia, baseado na elaboração de imagens que desafiam a percepção do espectador a partir de uma variedade de materiais não convencionais, geralmente citando imagens icônicas da história da arte ou da cultura popular. Iniciou sua carreira em Nova York no final dos anos 1980 e, desde então, veio conquistando enorme reconhecimento, realizando exposições em importantes instituições ao redor do mundo. O artista também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte como fator de transformação. Um desses projetos, *Pictures of Garbage* (2008), realizado com catadores de lixo do antigo aterro sanitário de Jardim Gramacho (Rio de Janeiro, 1976-2012), foi tema do documentário *Waste Land* (Lucy Walker, 2010), indicado ao Oscar da categoria em 2010. É também idealizador e diretor da Escola do Vidigal, fundada no Morro do Vidigal (Rio de Janeiro) em 2015, cujo projeto pedagógico, que associa arte e tecnologia, foi elaborado para atender as crianças do local. Participou de várias bienais, como a 24ª Bienal de São Paulo (1998), a 70ª Whitney Biennial, Nova York (2000) e as 49ª, 56ª e 57ª edições de La Biennale di Venezia (2001, 2015 e 2017).

exposições atuais (seleção):

Chrysler Museum of Art, Norfolk, EUA

Vik Muniz

12 jul - 14 out 2018

Belvedere Museum Vienna, Áustria

Vik Muniz: Verso

21 mar - 17 jun 2018

exposições recentes:

Palazzo Cini, Veneza, Itália

Afterglow: Pictures of Ruins

21 abr - 24 jul 2017

Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey (MARCO), México

Vik Muniz

10 mar - 11 jun 2017

Eskenazi Museum of Art - Indiana University, Bloomington, EUA

Vik Muniz: A Retrospective

01 out 2016 - 05 fev 2017



Vik Muniz

Individuals (Goblet 12), 2017

vidro murano

edição 3 de 4

148,5 x 50 cm

Virgínia de Medeiros

n. 1973, Feira de Santana, Bahia, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

A obra de Virgínia de Medeiros é voltada às estratégias documentais como forma de transgredir relatos hegemônicos e questionar o limite entre realidade e ficção. A artista lida com três temas do campo da arte e do documentário: deslocamento, participação e fabulação. Virgínia adapta imagens de documentários e relatos de experiências, empregando esses relatos de forma subjetiva e conceitual para rever representações da realidade e da alteridade. A artista trabalha principalmente com vídeo e instalações audiovisuais, buscando sempre mesclar a linguagem da arte e a mídia, bem como expandir as possibilidades estéticas e tecnológicas de engendramento de novas formas de expressão.

exposições atuais (seleção):

Deutsche Bank New York, Nova York, EUA

Hybrid Topographies - Encounters from Latin America – coletiva

26 fev - 14 mai 2018

exposições recentes:

The Golden Thread Gallery, Londres, UK

Forms of Resistance – coletiva

09 nov - 20 dez 2017

A4 Arts Foundation, Cidade do Cabo, África do Sul

How to Remain Silent? – coletiva

24 out - 10 nov 2017

Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

Histórias de Sexualidade – coletiva

20 out 2017 - 14 fev 2018

Goethe-Institut Bahia, Salvador, Brasil

Futures Afro Brazil Visions in Time – coletiva

15 set - 06 out 2017

Galpão VB, São Paulo, Brasil

Nada levarei quando morrer, aqueles que me devem cobrarei no inferno – coletiva

06 abr - 17 jun 2017



Virgínia de Medeiros

Rose, da série Studio Butterfly, 2015

impressão lenticular, madeira e serigrafia sobre acrílico

edição 1 de 5 + 2 PA

65 x 50 cm

Xavier Veilhan

n. 1963 em Lyon, França. Vive e trabalha em Paris, França.

O trabalho multifacetado de Xavier Veilhan engloba pintura, escultura, fotografia, instalação, performance e filme, bem como híbridos dessas linguagens. O artista mescla técnicas tradicionais e contemporâneas, em um esforço de dar continuidade à história da arte, que ele acredita não ter interrupções. Veilhan se vê como um artista clássico que, no entanto, espera que a modernidade possa ser reinventada por meio de novas conexões entre disciplinas. Fez instalações públicas em todo o mundo, em cidades como Paris, Nova York, Xangai e Seul. Entre elas, a instalação permanente *Renzo Piano & Richard Rogers* (2013), colocada em frente ao Centre Georges Pompidou, em Paris, França. Atualmente, o filme *Vent Moderne* (2015) está em exibição no Museu de Arte Contemporânea de Lyon (MAC Lyon), na França, onde constitui-se como uma nova aquisição institucional. O artista ainda apresentou um projeto intitulado *Veilhan Versailles* no Château de Versailles, França (2009), e representou a França na *57ª La Biennale di Venezia* (2017).

exposições atuais (seleção):

Deutsche Bank New York, Nova York, EUA

Hybrid Topographies - Encounters from Latin America – coletiva

26 fev - 14 mai 2018

exposições recentes:

The Golden Thread Gallery, Londres, UK

Forms of Resistance – coletiva

09 nov - 20 dez 2017

A4 Arts Foundation, Cidade do Cabo, África do Sul

How to Remain Silent? – coletiva

24 out - 10 nov 2017

Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

Histórias de Sexualidade – coletiva

20 out 2017 - 14 fev 2018

Goethe-Institut Bahia, Salvador, Brasil

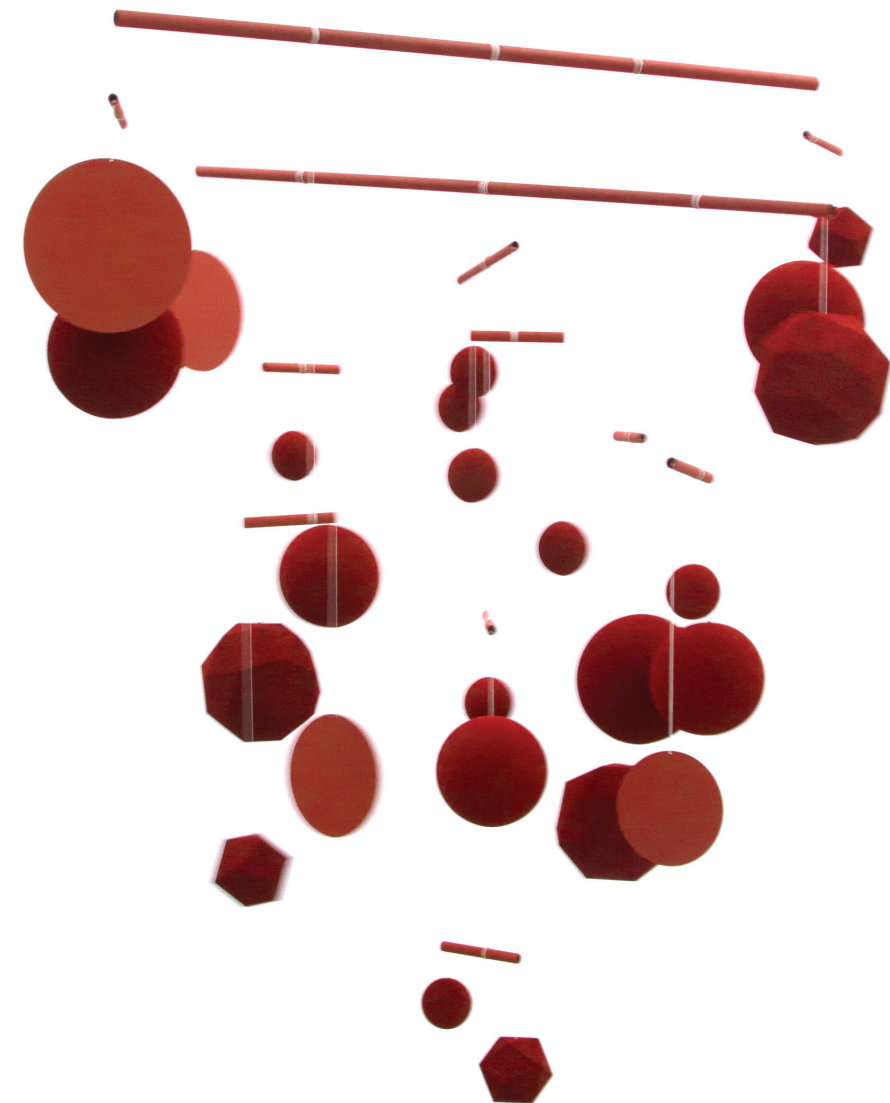
Futures Afro Brazil Visions in Time – coletiva

15 set - 06 out 2017

Galpão VB, São Paulo, Brasil

Nada levarei quando morrer, aqueles que me devem cobrarei no inferno – coletiva

06 abr - 17 jun 2017



Xavier Veilhan

Mobile n°8, 2017

aço inox, carbono, cortiça, aço inox, linho, tinta acrílica e verniz

79 x 79 x 75 cm

galeria

nara roesler

são paulo
rio de janeiro
new york
www.nararoesler.com.br
info@nararoesler.com.br

abraham palatnik
alberto baraya
alice miceli
alexandre arrechea
angelo venosa
antonio dias
artur lescher
berna reale
brígida baltar
bruno dunley
cao guimarães
carlito carvalhosa
cristina canale
dan graham
daniel buren
daniel senise
eduardo coimbra
eduardo navarro
fabio miguez
hélio oiticica
isaac julien
león ferrari
josé patrício
julio le parc
karin lambrecht
laura vinci
lúcia koch
marcelo silveira
marco maggi
marcos chaves
melanie smith
milton machado
not vital
o grivo
paul ramirez jonas
paulo bruscky
raul mourão
rené francisco
sérgio sister
tomie ohtake
vik muniz
virginia de medeiros
xavier veilhan

são paulo – avenida europa 655 – jardim europa 01449-001 – são paulo sp brasil – t 55 (11) 2039 5454
rio de janeiro – rua redentor 241 – ipanema 22421-030 – rio de janeiro rj brasil – t 55 (21) 3591 0052
new york – 22 east 69th street 3r – new york ny 10021 usa – t 1 (646) 678 3405